



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FE)**

FABIANA JOVENCIO ZOMER

**ESTUDO EXPLORATÓRIO DA MATRIZ DE IDENTIDADE DE
CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Brasília - DF

2017

FABIANA JOVENCIO ZOMER

**ESTUDO EXPLORATÓRIO DA MATRIZ DE IDENTIDADE DE
CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob Orientação do Professor Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha.

Brasília – DF

2017

FABIANA JOVENCIO ZOMER

ESTUDO EXPLORATÓRIO DA MATRIZ DE IDENTIDADE DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Comissão examinadora:

Prof. Dr. Paulo Sergio de Andrade Bareicha

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof^a. Pós Dr^a Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof^a. Mestre Katilen Machado Vicente Squarisi

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Luiz Vilar Mella

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob Orientação do Professor Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha.

Brasília – DF

2017

TERMO DE APROVAÇÃO

FABIANA JOVENCIO ZOMER

**ESTUDO EXPLORATÓRIO DA MATRIZ DE IDENTIDADE DE
CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso defendido sob a avaliação da Comissão Examinadora constituída por:

Prof. Doutor Paulo Sérgio de Andrade Bareicha
Orientador

Prof^a. Pós Dr^a Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida
Membro Titular – UnB/FE

Prof^a. Mestre Katilen Machado Vicente Squarisi
Membro Titular – UnB/FE

Prof. Dr. José Luiz Vilar Mella
Membro Titular – UnB/FE

Brasília – DF
2017

Autorretrato

“No retrato que me faço
-traço a traço-
Às vezes me pinto nuvem,
Às vezes me pinto árvore...
Às vezes me pinto coisas
De quem nem há mais lembrança...
Ou coisas que não existem
Mas que um dia existirão...
E, desta lida, em que busco
-Pouco a pouco-
Minha eterna semelhança,
No final, que restará?
Um desenho de criança...
Terminado por um louco”.

Mario Quintana

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis, pois sem Ele não teria forças e fé para continuar sem desistir. E ao Espírito Santo, por me dar sabedoria e inteligência para vencer as barreiras encontradas.

Agradeço a meu pai, Domingos Jovencio e minha mãe, Fátima da Silva Jovencio, pela confiança depositada. Por me desejarem o melhor e me fortalecerem com um amor inigualável. Amo vocês para sempre.

Agradeço a meu esposo, José Henrik Zomer, pela paciência, pela ajuda, por ser meu companheiro em todos os momentos. Amo você.

Agradeço as minhas filhas, Vitória Jovencio Zomer e Natália Jovencio Zomer, pela compreensão nos momentos de minha ausência. Amo vocês incondicionalmente.

Agradeço ao meu Professor Orientador Paulo Sérgio Bareicha, por me aceitar como sua orientanda em meio a significativas mudanças. Obrigada por me encaminhar com a mais profunda eficiência e respeito. O levarei em minhas lembranças, com muita admiração.

Agradeço aos amigos, companheiros de jornada, que incentivaram e colaboraram.

Agradeço a todos, que direta ou indiretamente mantiveram-se ao meu lado, apoiando e proferindo palavras de conforto e incentivo.

Agradeço, a banca examinadora que se dispôs a ler o meu trabalho e estar presente em um dia tão importante e especial.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa, de natureza qualitativa, foi reconhecer aspectos da emergência do eu na Matriz de identidade dos alunos a partir das narrativas, auto apresentação e percurso. Através das narrativas transparecem as ações que as crianças fazem, que se identificam como sujeito. A auto apresentação é como a criança se vê no mundo, e o percurso é uma orientação geográfica espacial de como o sujeito se vê no seu território. A pesquisa teve como problema norteador o seguinte questionamento: como crianças de 5 a 6 anos organizam o seu eu? É na Matriz de Identidade que se iniciam as interações e descobertas. A Matriz de Identidade foi usada como metodologia para o mapeamento do eu. Esse eu que se identifica de várias formas, eu sou, eu quero, eu faço, eu tenho medo, eu tenho vontades. As crianças obedecem a ordens até determinado momento, chega uma hora que começam a situar-se no mundo. Na fase da indiferenciação a criança acha que ela e a mãe são a mesma pessoa. Na diferenciação, a criança percebe que ela e a mãe não são a mesma pessoa, percebendo-se como sujeito, e na inversão de papéis, o sujeito se percebe diferente do outro. Os participantes da pesquisa foram crianças de 5 a 6 anos da Educação Infantil, que realizaram narrativas individuais sobre si mesma e o outro, seu autorretrato e seu percurso diário. Como principais resultados percebeu-se que as crianças organizam o seu eu através das atividades que seus pais ordenam a elas, como ir para a escola, para a natação, balé, inglês e assim por diante. Os alunos organizam a sua visão de si e do mundo a partir das ações que eles fazem e dos lugares que frequentam. Notou-se também que a Educação Infantil tem um papel muito importante nesse processo, pois a grande questão da Matriz de Identidade é como sair do caótico e indiferenciado, e é no espaço escolar que as crianças podem ser melhor estimuladas e caminhar para a diferenciação de lugares, pessoas e papéis sociais que elas representam, assim organizando suas vidas. Ou seja, é por meio do espaço escolar que elas melhor desenvolvem sua percepção de território e de si mesmo nele.

Palavras-chaves: Matriz de Identidade; Narrativas; Auto apresentação; Percurso; Educação Infantil.

ABSTRACT

The purpose of this research, of a qualitative nature, was recognized as a child in the Matrix of identity of the students from the narratives, self presentation and course. Through the narratives they appear as actions that children make, which identify themselves as subjects. Self-presentation is how a child sees himself in the world. And the route is a spatial geographic orientation of how the subject sees himself in his territory. The research had as a guiding problem the following question: how children from 5 to 6 years organize their self? It is in the Identity Matrix that they begin as interactions and discoveries. The Identity Matrix was used as a methodology for the mapping of the self. This self is identifying itself in new ways, I am, I want, I do, I am afraid, I have vacillations. As children obey orders until a certain moment, there comes a time that they begin to situate themselves in the world. At the stage of indifference a child is the same person. In differentiation, the child realizes that she is a mother is not an ordinary person, perceiving herself as a subject. And in the inversion of roles, the subject perceives himself different from the other. Research participants in children from 5 to 6 years of Early Childhood Education, who carry out individual narratives about themselves and others, their self-portrait and their daily journey. As main results it was noticed that children organize their self through activities that their parents are like them, such as for a school, for swimming, ballet, English and so on. Students organize their vision of themselves and the world from the actions they take and the places they attend. It was also noted that early childhood education plays a very important role in this process, for a major issue of the Identity Matrix is how to get out of the chaotic and undifferentiated, not a school space that children can be stimulated better and move towards a differentiation of Places, people and social roles they represent, thus organizing their lives. Objectives focused on the development of the perception of its territory and of itself in it.

Keywords: Identity Matrix; Narratives; Self-presentation; Route; Child education.

SUMÁRIO

PARTE I MEMORIAL	02
MEMORIAL	03
PARTE II MONOGRAFIA	14
Justificativa, Problema e Objetivo	15
REFERENCIAL TEÓRICO	17
CAPÍTULO 1- PSICODRAMA	17
1.1- Histórico	17
1.2- Origem do Psicodrama	18
1.3- O Psicodrama e a Catarse.....	19
1.4- Espontaneidade e Criatividade.....	20
1.5- Improvisação	20
1.6- Sociopsicodrama	21
1.7- Método Psicodramático.....	22
1.8- Psicodrama Pedagógico	23
CAPÍTULO 2- IDENTIDADE	25
2.1- Construção da identidade.....	25
2.2- Matriz de identidade	25
2.3- O surgimento do Eu.....	29
2.4- A representação do Eu	30
2.5- Imitação.....	32
2.6- Estrutura de Orientação Quem, Onde e o quê	33
CAPÍTULO 3- NARRATIVAS INFANTIS	35
3.1- Construção de narrativas.....	35
3.2- Educação Integral	36
3.3- Mapeamento	37
CAPÍTULO 4- METODOLOGIA	39
Descrição do Procedimento	41
CAPÍTULO 5- RESULTADOS	44

5.1- Narrativas.....	44
5.2- Auto apresentação.....	46
5.3- Percurso	50
CAPÍTULO 6- ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
PARTE III PERSPECTIVAS FUTURAS.....	57
PERSPECTIVAS FUTURAS.....	58
REFERÊNCIAS	60
ANEXO A - Transcrição das narrativas	62
Narrativa 01	62
Narrativa 02.....	63
Narrativa 03.....	63
Narrativa 04.....	64
Narrativa 05.....	65
Narrativa 06.....	66
Narrativa 07.....	67
Narrativa 08.....	68
Narrativa 09.....	69
Narrativa 10.....	70
Narrativa 11.....	71
Narrativa 12.....	72
ANEXO B – Autorretrato.....	74
ANEXO C – Mapas do território.....	78
ANEXO D.....	83
ANEXO E.....	84
ANEXO F.....	85
ANEXO G	86

Lista de Figuras

Figura 1 – Brecha entre a fantasia e a realidade.....	26
Figura 2 – Matriz de identidade	27

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Distribuição dos alunos conforme construção do personagem	44
Tabela 2 – Brincadeira adedonha	49
Tabela 3 – Continuação brincadeira adedonha.....	49

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Lugares frequentados e atividades desenvolvidas	52
Gráfico 2 – Construção do personagem.....	54

Apresentação

O presente trabalho trata-se da conclusão do processo formativo em nível de graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, tendo como orientador o Professor Doutor Paulo Sérgio de Andrade Bareicha. O trabalho dividiu-se em três partes: memorial, pesquisa e perspectivas futuras.

O memorial discursa sobre a trajetória escolar e pessoal da autora desta monografia. Nesta primeira parte, podem ser encontrados escritos pessoais de vivências passadas, desde a primeira lembrança inserida no âmbito escolar até sua entrada no curso de Pedagogia e o momento da escolha do tema e escrita do Trabalho de Conclusão de Curso.

Na pesquisa apresenta-se, desde a revisão bibliográfica até a metodologia e seus resultados. A definição do tema, sua justificativa, problema, recursos utilizados, análise e interpretação dos resultados, discussão e considerações finais. Nessa segunda parte considera-se a monografia em si, com o objetivo de reconhecer os aspectos da emergência do eu na Matriz de Identidade dos alunos a partir das narrativas, auto apresentação e percurso. Reconhecer e ao mesmo tempo compreender o que a escola infantil pode oferecer para as crianças, para que melhorem esse ser e fazer no mundo.

As perspectivas futuras representam as projeções futuras da autora em relação a carreira profissional após a conclusão da graduação.

PARTE I
MEMORIAL

MEMORIAL

Nasci em Morro da Fumaça, Santa Catarina, em 1982. Sou a primogênita de uma família de quatro filhas. Desde meu nascimento vivíamos mudando de cidade. Uma prova destas mudanças é que nasci na cidade de Morro da Fumaça e fui registrada na cidade de Curitiba, a 293 km de distância. Logo que minha mãe descobriu que estava grávida, meu pai separou-se dela, que continuou morando em Morro da Fumaça, e meu pai em Curitiba. Quando meu pai recebeu a notícia do meu nascimento, reconciliou-se com mamãe. Levando assim, nós duas para morar com ele, ou seja, nos meus primeiros dias de vida mudei de cidade.

Então, nasci em Morro da Fumaça, mas nos documentos constam Curitiba, onde fui registrada. Somente aos 9 anos de idade, em 1991, fui morar em Orleans, cidade onde meus avós maternos e tios próximos moravam. Logo, minha infância se deu longe de graus de parentesco, ou seja, vivi esta fase longe de avós, tios, primos, etc. Diante da situação, as responsabilidades chegaram cedo e a infância também cedo se foi, pois, minhas três irmãs chegaram e desde então precisei cuidar delas e da nossa casa para meus pais trabalharem.

Educação Infantil

Lembro muito pouco da minha infância. Assim como quase nada da educação infantil. Estudei do pré-escolar a terceira série do Ensino Médio em escola pública. Iniciei minha vida escolar aos 6 anos, na escola Municipal Irmã Florentina, no pré-escolar, na localidade de Núcleo Tritícola, pertencente ao Distrito de Frei Rogério, localidade hoje municipalizada. Lembro que na parede da sala tinha o alfabeto com desenhos referentes as letras, e um calendário. Brincava muito de cantigas de roda. Fiz muitas atividades de pontilhismo, de ligar e desenhos. Não tem como esquecer quando plantamos o feijãozinho no algodão e quando usamos uma saia feita de folha de palmeira para comemorar o dia do índio.

Deslocava-se para a escola, muitas vezes, sozinha com minha irmã do meio, que é dois anos mais nova que eu. Andava quilômetros, para chegar a escola. Lembro do cansaço e do frio que sentia nos dias de inverno, quando não tinha um casaco bem quentinho para vestir, e do pé gelado, pois estava calçando um chinelo havaianas branco com a sola azul claro ou um chinelo “rider”. O único tênis que tive na infância foi uma congá azul marinho. Uma boa parte do caminho da escola não tinha casas, somente barrancos cobertos de vegetação e acima as árvores. Tinha muito medo do “Homem do Saco”, um homem que os pais usavam como figura para amedrontar as crianças, mas, que na verdade era apenas um andarilho.

Meu pai trabalhava em plantações de tomate, pimentão e alho. Ia para a roça com meus pais para cuidar das minhas três irmãs. Gostava muito de andar de trator, que era o único meio de transporte lá em casa. Papai, algumas vezes levou a gente para a escola de trator e todo dia primeiro ia fazer compras com o mesmo. Lembro perfeitamente de um dia que meus pais foram “fazer rancho”, como se chamava, e ficamos em casa. Neste dia, faltou energia, estávamos com medo. Parecia que eles estavam demorando uma eternidade. Eu e minhas irmãs fomos para baixo da mesa, e ficamos dizendo, vem pai, vem mãe. A felicidade transpareceu quando escutamos o barulho do trator. Todo dia primeiro mamãe fazia cachorro quente, molho com salsicha e pão francês, fazíamos a festa.

O tempo que morei nesta comunidade, um acontecimento que marcou minha infância, foi quando meu pai levou um carneirinho recém-nascido para nossa casa. Eu cuidava dele com muito carinho, dava mamadeira e ajudava cortar os pelos. Era muito danadinho, posso lembrar das cabeçadas dele na minha barriga. Na minha cabecinha de criança ele era meu animalzinho de estimação, então, senti muito quando papai o matou. Minha infância foi curta, pois desde pequena ajudava meus pais em casa, cuidando das minhas irmãs e ajudando nas tarefas de casa.

Ensino Fundamental

Fui alfabetizada na primeira série, numa escola isolada que ficava na comunidade rural de Pocinho, também pertencente ao município de Curitiba. Era uma sala multisseriada, ou seja, várias séries na mesma sala de aula. Lembro da

cartilha, com as letras, B de bola, C de casa, S de sapo e assim por diante. E da junção B com A faz BA, B com E faz BE assim por diante. Gostava muito de brincar de mercadinho. Em um espaço da escola foi feito um minimercado, com prateleiras para os produtos e um balcão logo na entrada, para ser o caixa. Nas prateleiras, embalagens de produtos trazidos de casa. Para pagar as compras usávamos dinheirinhos. Lembro como se fosse hoje dos corredores e prateleiras do mercadinho. Na mesma escola, lembro da atividade de deitar no chão em cima de um papel pardo para que um colega desenhasse seu corpo. Logo após, era escrito os nomes das partes do corpo. Tenho uma lembrança da referida escola que, para muitos possa não ter muito sentido, mas para mim, com certeza contribuiu na formação do meu eu, da pessoa que sou hoje. Em dia um dia, a escola estava sem lanche para oferecer para as crianças. Então, a merendeira que morava perto da escola resolveu levar todas as crianças para comerem na sua casa, polenta com carne ensopada de ovelha. Esta atitude, para mim, foi incrível, ela estava ajudando o próximo com muito amor, sem pedir nada em troca. Ressaltando, que a merendeira sabia das condições daquelas crianças, que muitas, eu era uma delas, não tinham tomado café da manhã em casa, por não ter nem um biscoito ou pãozinho na dispensa. Concluí a primeira série na referida escola.



No ano seguinte, já estava morando na cidade de Grão-Pará. Iniciei a segunda série na Escola de Ensino Básico Doutor Miguel de Patta. Lembro que era

uma escola maior do que as outras frequentadas. A única coisa que me recordo, no quesito alfabetização, é de fazer muitos exercícios de caligrafia. Exercício pouco usado nos dias de hoje, mas que com toda certeza colaborou muito na formação da minha escrita. Um acontecimento que marcou minha trajetória nesta escola foi a comemoração do dia sete de setembro, onde eu e minhas irmãs desfilamos. Eu vestia uma saia pregueada azul marinho, camiseta branca, meião branco, tênis vermelho e minha mãe fez questão de colocar uma tiara nada discreta. Minha mãe conseguiu o vestuário todo emprestado, pois não tinha condições financeiras para comprar os mesmos. Minha irmã do meio com uma roupa de ratinho e as mais novas (que são gêmeas) estavam de chapeuzinho vermelho. Concluí a segunda série na referida escola.

Minha família estava passando por dificuldades financeiras, então meu pai foi trabalhar com meu tio, que era dono de uma madeireira na comunidade de Oratório, pertencente a cidade de Orleans. Comecei a estudar na Escola Básica Tito Carvalho, na terceira série. Lembro do nome da professora Anete Righeto Zanin. Frequentemente ia no quadro verde, fazer continhas ou responder exercícios que a professora passava. Minha professora da quarta série era a Eliege Geremias de Assis.



Da quinta a oitava série, teve uma professora que tive como exemplo por muito tempo, professora Márcia Beatriz Spricigo, que lecionava as matérias de

português e inglês. Consigo lembrar minuciosamente da caligrafia da mesma. Ela fez com que eu gostasse ainda mais das letras. Eu amava ler livros, levava vários para casa e lia num piscar de olhos. Gostava muito de escrever redações e ficava muito satisfeita com as notas das mesmas, as melhores da sala. Ela também era exemplo de superação para mim, pois com toda dificuldade de andar que tinha, em consequência da doença elefantíase, ia e voltava a pé para a escola, enfim, andava por toda parte com muita força de vontade. Infelizmente hoje já não está mais entre nós. Acredito que a vontade de ser professora, que floresceu na época, ainda com onze anos, estava inspirada nessa grande mulher, que era muito exigente, mas essa exigência toda me fascinava e empolgava. Concluí o Ensino Fundamental na referida escola em 1997, onde me recordo de uma cerimônia de formatura realizada na igreja São Paulo Apóstolo da comunidade.



Ensino Médio

Tenho poucas recordações do Ensino Médio. Na comunidade onde eu morava a escola só atendia até a oitava série, logo tive que me deslocar para a cidade de Orleans para cursar o Ensino Médio, na Escola de Educação Básica Toneza Cascaes. Iniciei no ano de 1998 e concluí no final do ano 2000.

Lembro que esses três anos foram pouco proveitosos, visto que estava um tanto desinteressada pelos estudos. Se o tempo voltasse, aproveitaria melhor a oportunidade. Fui aprovada em todas as séries, mas lembro que fiquei em recuperação em física e química na terceira série.



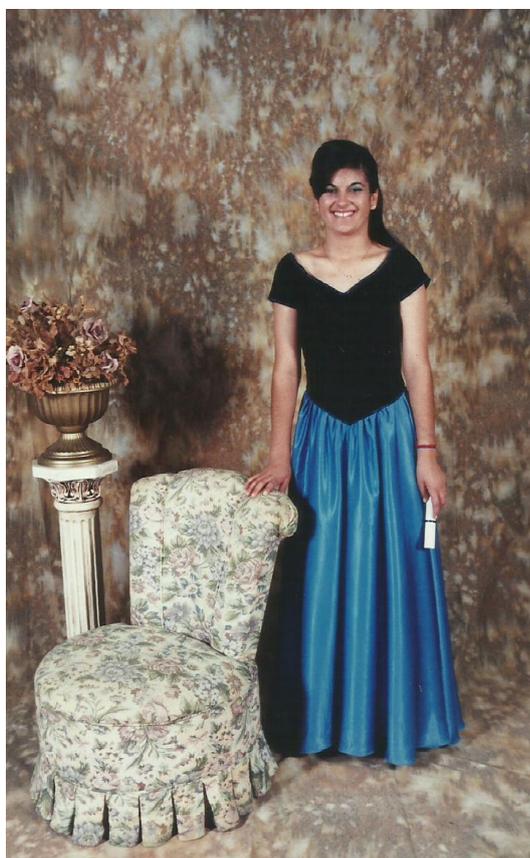
Quando terminei o Ensino Médio, fui trabalhar. Minha família não tinha condições de pagar uma faculdade. Meu primeiro emprego foi de babá de um bebezinho recém-nascido. Meu segundo emprego foi de garçonzete numa pizzaria conhecida na cidade.



No ano de 2001, especificamente em 11 de agosto, casei. E em 13 de dezembro do mesmo ano nasce minha primeira filha Vitória. No período de abril de 2001 a julho de 2009, trabalhei no setor do comércio, como vendedora, caixa de loja e auxiliar de escritório. No ano de 2005, fiz uma tentativa de retomar meus estudos, cursando o primeiro semestre de Administração numa faculdade privada na cidade onde morava. Mas, realmente não passou do primeiro semestre, em consequência de não ter condições financeiras. Em julho de 2006 nasce minha segunda filha,

Natália. Em julho de 2009, mudamos de cidade, meu esposo era bancário, então buscava melhores condições de vida. Fomos morar em José Boiteux. Uma cidade pequena do interior, com cinco mil habitantes.

Nessa época, a palavra mudança já era familiar no meu vocabulário. Sim, como se não bastasse minha família, que na minha infância mudava constantemente de cidade, de ano em ano, com um marido bancário mudamos algumas vezes de dois em dois anos. Fiquei um tempo sem trabalhar na cidade, dedicando-me ao artesanato. Em 2010 participei como agente censitário supervisor do Censo, atuando na organização, supervisão e acompanhamento da coleta de dados. Foi uma experiência muito rica.



Ensino Superior

Em uma família, que se pode dizer grande, sou o segundo membro a cursar um Ensino Superior. Meu percurso no curso de Pedagogia foi regado a

mudanças, mudanças positivas que vieram para somar no meu currículo e na formação da minha pessoa. Tudo começou no dia que uma vizinha perguntou se eu era professora. Afirmei que não e ela então comentou “você tem cara de professora”. Ela trabalhava como secretária na Escola de Ensino Básico José Clemente Pereira, escola estadual da cidade, e comentou que estavam precisando de um professor temporário para trabalhar com uma turma integral, no Projeto Ambiental. Pontuei que minha formação era Ensino Médio. No entanto, com a falta de professores era permitido esses contratos temporários. Então, fui na escola e aceitei o desafio. Desafio sim, porque era a primeira vez que assumiria o citado trabalho. As atribuições eram orientar os alunos nas tarefas de casa, trabalhar com reciclagem e cuidar da horta da escola. Foi por pouco tempo, mas valeu a experiência. Acredito que nesse tempo, o sonho de ser professora ganhou alguns pontos positivos.

No ano seguinte, 2011, fiz o vestibular e iniciei o curso de Pedagogia a distância, no Centro Universitário Leonardo da Vinci, onde tinha aula uma vez por semana. Cursei dois semestres. No mesmo ano, me inscrevi para ser novamente professora na escola José Clemente Pereira, só que desta vez assumi como segundo professor, auxiliando um adolescente na primeira série do Ensino Médio. Ele era um aluno diagnosticado com TDAH e Dislexia. Foi um tanto conturbada minha atuação, pois o mesmo não aceitava minha ajuda, visto que desde seu diagnóstico estava sendo acompanhado pela mesma professora.

Como iria trabalhar somente 20 horas no período matutino, resolvi tentar mais 40 horas na creche do município, Branca de Neve. Fui contratada como monitora, onde auxiliava a diretora na secretaria, organizava os murais e quando necessário auxiliava as professoras. Fiquei mais ou menos uns dois meses na função e fui promovida para professora do Infantil IV. Estava amando as novidades. Mas acredito que a falta de preparo e a sobrecarga não permitiram que desempenhasse um bom trabalho. Eu era uma professora com força de vontade, mas sem paciência e experiência. Um fato que marcou este tempo foi a observação de uma professora da APAE, que ficava atrás da creche, que indagou que estar escutando minha voz lá da sala dela, ou seja, que eu estava tendo uma postura inadequada. Após a referida observação, comecei a repensar minhas atitudes, e

hoje quando estou na sala de aula e percebo que estou alterando o tom de voz, abaixo imediatamente. Diante deste acontecimento é fácil perceber que muitos professores estão em sala de aula sem qualquer preparação. Eu fui um exemplo destes. E quem perdem são os alunos. Mas esta experiência serviu para repensar como deve ser um bom professor, acrescentou e muito na minha experiência profissional.

Em 2012, mudamos para Santos, São Paulo, onde comecei a trabalhar no Colégio Rita de Cássia, no cargo de auxiliar de berçário. Cada dia que passava eu me encontrava na profissão. Amava o que fazia e dedicava-me o máximo. Ao trabalhar com esta idade, percebendo a importância das histórias para o desenvolvimento desta fase, comecei a trabalhar através de histórias infantis, utilizando fantoches e outros suportes. Nesse momento descobri em minha pessoa, uma paixão por histórias. Era gratificante ver aqueles olhinhos vidrados e ver o quanto aprendiam.

No início do mesmo ano, fiz o vestibular novamente para Pedagogia e continuei os estudos na Universidade Metropolitana de Santos. Em 2013, continuei trabalhando no mesmo colégio, mas como professora do Maternal I, acompanhando a turma do ano anterior. Em junho de 2013, com muita dor no coração, tive que sair da escola, por motivo de mudança para Brasília. Ficaram boas recordações e um grande percentual de conhecimento adquirido, com os pequenos, com as colegas de trabalho e principalmente com a excelente profissional tia Lurdes, coordenadora da escola.

Em Brasília, precisamente em janeiro de 2014, prestei vestibular novamente para Pedagogia e reiniciei meus estudos na Universidade Católica de Brasília, na modalidade Educação a Distância. Cursei apenas um semestre. Em meados do semestre fiz uma prova de transferência facultativa da UnB, a qual habilitou-me a continuar o curso de pedagogia na Universidade de Brasília. Nunca havia imaginado a hipótese de cursar em uma Universidade Federal. Era como um sonho realizado. Fiquei um ano e meio sem trabalhar, então por questões financeiras procurei uma escola para estagiar. Em agosto de 2015, comecei um estágio remunerado na Congregação de Santa Doroteia do Brasil, na Asa Norte. Minhas atribuições eram auxiliar uma turma integral de 1º e 3º ano nas tarefas de

casa e acompanhá-las em todas as atividades do contra turno. Por questões de localidade e financeiras, em fevereiro de 2016 comecei a trabalhar como monitora do Infantil III na Escola Arara Azul, próxima da minha casa, na qual estou trabalhando até o momento.

Os projetos obrigatórios do curso de Pedagogia, projeto 3, 3.2 e 4.1 realizei em Economia Solidária, acompanhados pela professora Sônia Marise. O projeto acontecia na comunidade do Sol Nascente, com um grupo de mulheres na geração de renda, trabalhos com fuxicos, e um grupo de crianças com temas variados. Em relação ao tema do meu TCC, havia escolhido Formação de Professores, pois era o que mais me instigava, ou seja, o curto caminho na educação já tinha mostrado-me que nem todos os docentes estão preparados para exercer tal função. O despreparo dos professores que estão em sala de aula, a falta de amor pelo que fazem, torna o trabalho dos mesmos cada vez mais sem sentido. No meu caso, o amor pelo que fazia, foi superando a falta de experiência e reconstruindo um novo eu. Diante das experiências, venho construindo e reconstruindo um novo profissional.

Neste semestre, tive a alegria de fazer a matrícula no projeto 4.2 com o Professor Paulo Bareicha. O mesmo ajudou-me a escolher outro tema de pesquisa para meu TCC, um estudo da Matriz de Identidade de Crianças da Educação Infantil, que repercutiu e incidiu sobre a minha indignação diante da não preparação dos docentes, pois ficou ainda mais visível o quanto é importante profissionais preparados para trabalhar com as crianças, que estão na escola em processo de formação de identidade, buscando um conhecimento de mundo que não recebem em casa. Este tema também reavivou o gosto pelo trabalho com crianças da Educação Infantil e posteriormente a importância da mesma para a formação do sujeito. Com o conteúdo da monografia decidido, começamos imediatamente trabalhá-lo, tendo em vista o pouco tempo para desenvolvê-lo.

No decorrer de nosso caminho, vamos tornando alguns sonhos realidade, assim como vão surgindo novos sonhos, e no momento um sonho que tenho é colocar em prática o professor que venho construindo desde criança.

Encerro este memorial, com grande expectativa em relação a pesquisa, aos novos conhecimentos que serão adquiridos e a influência dos mesmos na formação da minha pessoa, do profissional que pretendo ser.

PARTE II
MONOGRAFIA

Justificativa, Problema e Objetivo

A Educação Infantil, é a raiz da educação. Tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social. A criança é conduzida a socialização.

Através destes pontos já é possível visualizar o grau de importância desta etapa. Desde o início na área da educação, a fase que sempre fez com que meus olhos brilhassem foi a Educação Infantil. Uma fase de muitas mudanças e descobertas. Uma fase onde o amor jamais deixará de ser um ingrediente principal. E foi este amor que fez com que as direções deste trabalho se voltassem para esta.

Diante desta realidade, percebeu-se a importância de se trabalhar com a identidade e a formação do eu de crianças. Tendo como suporte a Matriz de Identidade, que é onde se iniciam as interações e descobertas da criança. É o próprio espaço onde está inserida desde o nascimento. Na primeira fase da Matriz de Identidade, também chamada como a fase da indiferenciação, a criança acredita que ela e a mãe são a mesma pessoa, não possuindo iniciativas de ação. Na segunda fase, inicia-se a diferenciação, a criança começa a perceber que ela e a mãe não são a mesma pessoa, assim percebendo-se como sujeito, transparecendo as próprias vontades. Na terceira fase, o sujeito se percebe diferente dos outros. Reconhece o eu e o outro, permitindo que o outro ocupe seu lugar e vice-versa, ocorrendo a inversão de papéis. Este processo de inversão de papéis é também conhecido como Psicodrama, ou seja, o sujeito é submetido ao convívio com o outro, para que aumente as possibilidades de reconhecimento do papel de si e do outro na sociedade.

Em sala de aula encontramos diferentes sujeitos e realidades, e por isso, a pesquisa ganha um caráter exploratório, pois família e escola precisam estar cientes do processo de formação de cada criança. Muitos questionamentos surgem no decorrer deste processo; como as crianças de cinco a seis anos organizam a seu eu, que noção elas têm da sua própria identidade, como está sendo desenvolvido a formação do eu, através de que processo elas se tornam sujeito. A resolução destes questionamentos pode permitir a ciência de que a criança está ou não com o

desenvolvimento adequado referente a série frequentada, ou se ela está socializada nesta idade a fim de conseguir diferenciar o eu do outro.

Para que o processo de reconhecimento do eu ocorra de forma satisfatória, é imprescindível que a criança esteja num ambiente escolar onde a rotina seja elementar. Pois, desde o berçário a escola estabelece uma rotina. Se essa criança consegue aprender essa rotina, vai estar preparada para os anos escolares seguintes. Através da rotina a criança torna-se capaz de identificar a si mesma e seus objetos, de se localizar no tempo e no espaço. Se houver necessidade de algo que o outro tem, precisa pedir. E aí que acontece o reconhecimento do eu e do outro. Assim, a pesquisa ganha sentido, pois é relevante a compreensão de como está a formação do eu e a construção da identidade dos alunos da Educação Infantil.

Neste sentido o objetivo geral da pesquisa é reconhecer aspectos da emergência do eu na Matriz de Identidade dos alunos a partir das narrativas, auto apresentação e percurso. Os objetivos específicos são, identificar como os alunos se percebem e apontar o percurso descrito pelos alunos em seu dia a dia, ou seja, o objetivo é reconhecer e ao mesmo tempo compreender o que a escola infantil pode oferecer para as crianças, para que elas melhorem esse ser e fazer no mundo. Será que a escola é só mais um lugar, como casa da vó, shopping, entre tantos outros, para se deixar essa criança. Qual o papel do professor nesse lugar? Somente cuidador de crianças, ou a escola tem marcas maiores para oferecer? Como elas estão vendo essas marcas? Se elas não falam da escola, não se referem a atividades escolares, alguma coisa está errada ou não está acontecendo.

Como problemática norteadora da construção deste trabalho, tem-se o seguinte questionamento: como crianças de 5 a 6 anos organizam o seu eu? As crianças obedecem a ordens da mãe até determinado tempo, chega uma hora que as mesmas começam a situar-se no mundo, chega uma hora que se inicia o jogo de papéis. Através da teoria da Matriz de Identidade é possível mapear esse eu. Esse eu que se identifica de várias formas, eu sou, eu quero, eu faço, eu tenho medo, eu tenho vontades. Surgem dúvidas a respeito da organização do eu dessas crianças, das coisas que elas fazem, dos lugares que elas frequentam e de como elas se posicionam nesses lugares. Como eu sou, o que eu faço e com quem eu faço as

coisas. O que se pretende é uma aproximação rápida exploratória desse universo infantil, o qual pode nos dar elementos para fazer pesquisas mais avançadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este referencial teórico sociopsicodramático tem como principal teórico Jacob Levy Moreno.

CAPÍTULO 1- PSICODRAMA

1.1- Histórico

O criador do Psicodrama, Jacob Levy Moreno, nasceu em 1889 em Bucareste, Romênia. Foi na cidade de Viena que viveu sua infância e realizou seus estudos.

Estudou medicina na Universidade de Viena, iniciando o curso em 1909 e graduando-se em 1917. Durante o curso, demonstrando um interesse especial nas áreas de filosofia, arte e teatro, empenhou-se em um método renovado de tratamento, já que não tinha modelos fixos profissionais.

Moreno desenvolveu um método diferente de Freud. Enquanto que no método freudiano, o paciente deveria estar disposto em Divã, falando ao analista, o método moreniano, o paciente era colocado juntamente com os outros, em grupos, através do teatro improvisado, denominado Psicodrama.

O início efetivo de Moreno foi entre 1910 e 1914, onde nos jardins de Viena, formava grupos de crianças que improvisavam representações, era ali que se iniciava a utilização da psicoterapia de grupo e do Psicodrama.

O novo teatro foi instalado em 1922, num espaço em Viena que pertencia a um grupo de mulheres, onde eram expostos trabalhos de arte e artesanato.

No ano de 1924, Moreno publicou o livro *Das Stegreiftheater* (Teatro da Espontaneidade), onde um grupo de atores representavam peças espontâneas propostas pelo público, dramatizavam notícias cotidianas, utilizando-se da técnica

“Jornal Vivo”. O Jornal Vivo é uma técnica psicodramática em que as improvisações são realizadas partindo de notícias de jornais cotidianos.

Entre 1922 e 1925, o teatro para a espontaneidade converteu-se num lugar de reunião. Moreno ressalta que foi daí e, principalmente do Teatro para Espontaneidade, que partiu a inspiração para o uso de técnicas lúdicas, a terapia de representações espontâneas, a psicoterapia de grupo e a aprendizagem de papéis (Moreno, 1978, p.55). Através destas experiências com o teatro espontâneo e terapia comunitária Moreno criou o Psicodrama.

Em 1925, Moreno emigra para os Estados Unidos e abre uma clínica psiquiátrica em Beacon, ao norte de Nova York.

Em 1928, realiza a primeira experiência psicodramática na América.

Em 1942, cria a Sociedade de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo, que em 1950 foi incorporada à Sociedade Americana de Psicoterapia de Grupo e Psicodrama.

Moreno faleceu em 14 de maio de 1974, em Beacon, Nova York.

1.2- Origem do Psicodrama

Drama é uma palavra que vem do grego, que significa ação, ou uma coisa feita. Psicodrama, segundo Moreno, é a ciência que explora a verdade por métodos psicodramáticos (Moreno,1978, p.17).

A origem do Psicodrama foi situada por Moreno na civilização primitiva, onde as danças rituais dos primitivos, o conselho dos mais velhos das tribos indígenas, eram forças importantes no grupo. O homem primitivo descobriu a força e a magia dos movimentos, gesticulações, danças, e a representação dramática, encontrando aí formas de unidade consigo mesmo e de integração com o outro (Diniz, 1999, p.17).

Os teóricos Menegazzo apud Diniz explicam melhor a afirmação de que a origem do Psicodrama vem de tempos atrás.

A dança e a representação dramática são velhas invenções do homem. São tão antigas que têm sua origem no próprio limiar das culturas... A representação dramática emerge no contexto de uma das mais antigas atividades humanas compartilhadas. Suas origens estão nas raízes mais arcaicas das sociedades reais primitivas... as qualidades resolutivas que são a essência do rito, da dança e do drama, e que forma redescobertos

pelo homem em suas origens culturais, foram redescobertas neste século por Jacob Levy Moreno...” (Menegazzo, 1994 apud Diniz, 1999, p.18).

Um psicodrama pode ser produzido em qualquer lugar, no lar, numa sala de aula, ou seja, no lugar onde o indivíduo esteja. O mesmo é convidado a ser ele mesmo na realidade da vida, onde o psicodrama, na maioria das vezes, confirma esta identidade.

Segundo Moreno (1975, p.18), ele tem de atuar livremente, à medida que as coisas lhe acodem à mente; é por isso que deve lhe ser concedida liberdade de expressão, espontaneidade. Um ponto muito importante que o psicodrama tem como função é mostrar ao sujeito que ele e a sociedade são responsáveis pela produção e desempenho de um papel.

O indivíduo não vive sozinho, ele está rodeado de outros, dos quais depende em parte para viver em sociedade. Esta convivência com o outro nem sempre é tranquila, pode vir cercada de alguns conflitos. Segundo Moreno (1975, p.59):

O psicodrama representa o ponto culminante na passagem do tratamento do indivíduo isolado para o tratamento do indivíduo em grupos; do tratamento do indivíduo por métodos verbais para o tratamento por métodos de ação. Desenvolveu uma teoria da personalidade e uma teoria do grupo que é, tanto no aspecto analítico como no de tratamento, mais profunda, mais ampla e mais econômica do que as suas predecessoras. É uma combinação eficaz da catarse individual com a catarse coletiva, da catarse de participação com a de ação.

O Psicodrama é um método grupal que favorece tanto a participação e desenvolvimento do indivíduo como do grupo.

Uma cena psicodramática é uma produção coletiva, que segundo Moreno, quanto maior integração, criatividade e produtividade, maior emissão de saúde mental e social.

1.3- O Psicodrama e a Catarse

O termo catarse que vem do grego Katharos, significa purificação. A catarse foi introduzida por Aristóteles, para definir o efeito que o teatro grego exercia sobre seus espectadores. Segundo ele, a catarse refere-se à purificação das almas por meio de uma descarga emocional provocada por um trauma.

Segundo Diniz (1999, p.19-20), Moreno redescobriu e reelaborou a ideia da catarse através do Psicodrama, desenvolvendo uma modalidade intermediária de teatro, proporcionando uma mudança que foi o distanciamento do teatro escrito, (legítimo) - o teatro tradicional- em favor do teatro espontâneo (Psicodrama), em que a ênfase foi transferida dos espectadores para os autores.

1.4- Espontaneidade e Criatividade

O método psicodramático tem como princípios básicos a espontaneidade e a criatividade, o trabalho de grupo e a expressão pelo teatro da espontaneidade. A espontaneidade e a criatividade são ações de extrema importância para a teoria do Psicodrama.

A espontaneidade é a forma com que o indivíduo age no momento aqui e agora, ele age livremente. As crianças são consideradas espontâneas, pois agem livres e muitas vezes sem pensar no fruto dessa ação. O teórico Moreno sempre procurou possibilitar ao indivíduo a utilização de suas ações criativas e espontâneas.

Os indivíduos, muitas vezes, não manifestam sua criatividade por serem inibidas e não encontrarem um espaço que lhes permita tal manifestação.

A criatividade é a capacidade humana de produzir ou elaborar algo. Conforme Moreno (1978, p.141), o homem é repleto de sementes criadoras, sempre disposto a dissolver as conservas existentes e criando novas formas, novas ideias e novas invenções. O oposto de um homem que é um gênio na dramatização do eu, mas totalmente improdutivo, é o homem totalmente produtivo e criador, mesmo sendo inexpressivo e insignificante como indivíduo.

Pode-se afirmar que o homem é um ser criativo, mas esta afirmação não significa que ele é em todos os aspectos.

1.5- Improvisação

A improvisação é o princípio e a base do Psicodrama e dos Jogos Dramáticos. É através da improvisação que surgem as ações espontâneas e criativas.

Em nossa vivência no dia a dia, muitas são as situações que surgem rapidamente e somos convidados à ação, sem muito tempo para elaborar falas ou atitudes. Então é aí, que geralmente improvisamos algo, muitas vezes não obedecendo a um determinado modelo.

O teórico Moreno (1984, p.129), explica melhor essa questão do improviso, que é como um antídoto para a era da máquina, um remédio para o robô. O objetivo da improvisação é sacudir homens e mulheres, tirando-os da rotina de uma existência padronizada, confrontando-os com o desconhecido e com o inesperado de situações que os despertem para uma urgência natural criativa.

1.6- Sociopsicodrama

O sociopsicodrama é um método que tem como proposta trabalhar as relações individuais e sociais, através do chamado “teatro espontâneo”, ou seja, por meio da dramatização, onde tem como contexto a própria vida do participante. É utilizado como metodologia para a interferência dessa memória educativa, de maneira que ela seja resgatada e ganhe um novo significado. É o resgate da memória dos alunos, contribuindo para identificarem-se como “sujeitos educativos”.

O Sociopsicodrama varia sobre a quantidade de pessoas envolvidas na ação. Quando uma pessoa apresenta sua própria história e dá continuidade na mesma até o final, independente do contexto e da participação da sua história na história dos outros, trata-se do Psicodrama. Que é onde ocorre a dramatização da vida de uma pessoa, conforme a narrativa que ela impõe e a direção que o professor oferece para que isso seja desenvolvido. Porém, a partir do momento que essa narrativa individual é apropriada por outras pessoas, tornando-se não mais uma história individual, mas uma história coletiva, trata-se de um Sociodrama. Onde todos têm algo a contribuir naquela história, sentem, sofrem, transformando um personagem individual em um personagem coletivo.

Para Moreno (1978, p.411), o Psicodrama foi definido como um método de ação profunda, lidando com as relações interpessoais e as ideologias particulares, e o Sociodrama como um método de ação profunda que trata das relações intergrupais e das ideologias coletivas.

1.7- Método Psicodramático

O centro do Psicodrama é a dramatização.

De acordo com Moreno (1984, p.09), o teatro da espontaneidade é concretizado de quatro formas:

1. Eliminação do dramaturgo e do texto teatral por escrito.
2. Participação da audiência, ser um teatro sem espectadores. Todos são participantes, cada um é um ator.
3. Atores e plateia são agora os únicos criadores. Tudo é improvisado: a peça, a ação, o motivo, as palavras, o encontro e a resolução dos conflitos.
4. O antigo palco está desaparecido, em seu lugar desponta o palco-espço, o espaço aberto, o espaço da vida, a vida mesma.

É possível concluir que as improvisações individuais e conjuntas são fundamentais para o Psicodrama.

No método psicodramático, Moreno considera cinco instrumentos principais: o palco, o protagonista, o diretor, os egos-auxiliares e o auditório. Onde o palco é o local onde se realiza a dramatização. O protagonista é o próprio participante que atua na cena. O diretor é o responsável direto pelo Psicodrama, que pode ser um médico, psicólogo, professor, educador, etc. Ego- auxiliar é o assistente do diretor, desempenhando papéis necessários a ação. E o auditório é o público, formado por todos os presentes.

No ambiente da vida o indivíduo pode facilmente perder o seu equilíbrio e é no palco que ele pode reencontrá-lo.

Para que o método psicodramático seja desenvolvido são consideradas três fases:

1. Aquecimento: é a primeira fase no Psicodrama. Consiste em favorecer o ambiente de trabalho e proporcionar uma acomodação psicofísica.
2. Dramatização: é a fase que é representada a cena com base na improvisação.

3. Comentários: é o momento que o grupo faz uma reflexão da dramatização. Onde todas podem expor suas opiniões, os que atuaram em cena e os que assistiram.

Diante do método psicodramático, são utilizadas várias técnicas, e uma delas é a inversão de papéis. Esta técnica psicodramática consiste em trocar o papel entre o protagonista e o interlocutor. Assim, sendo possível a análise das necessidades e dificuldades do outro.

No método psicodramático todos os integrantes são fundamentais para que os resultados sejam alcançados com sucesso. É necessário que o grupo esteja em sintonia um com o outro. Que se sintam peças importantes e valorizadas e percebam que fazem parte de uma construção coletiva.

1.8- Psicodrama Pedagógico

O Psicodrama Pedagógico é um método voltado as técnicas psicodramáticas aplicadas no ensino. Neste, a área de trabalho inclui somente os papéis professor-aluno.

O trabalho psicodramático deve começar com a criança, mas é necessário que seja aplicado de acordo com suas referidas fases, pois as situações desenvolvidas não se encaixam em todas as idades.

Moreno desenvolveu possibilidades de aplicação do método psicodramático também na educação, trazendo um conceito de pedagogia adequada aos nossos ideais tem que basear-se completamente e sem compromisso de qualquer sorte no ato criativo. Uma técnica do ato criativo, uma arte da espontaneidade, tem que ser desenvolvida de modo a habilitar o homem a criar continuamente. (Moreno, 1978, p. 199).

O Psicodrama Pedagógico é uma proposta que pode ser utilizada nas mais variadas situações na educação, como para:

- ✓ Melhorar a aprendizagem e a qualidade do ensino;
- ✓ Transmitir conhecimentos novos;
- ✓ Uma melhoria nas relações sociais;
- ✓ Auxiliar o desenvolvimento pedagógico;

- ✓ Treinamento da espontaneidade;
- ✓ Repassar conhecimentos já esquecidos;
- ✓ Avaliar os conhecimentos obtidos e a fixação destes;
- ✓ Desenvolver a capacidade criativa;
- ✓ Melhor compreensão de um conteúdo escolar curricular;
- ✓ Obter maior compreensão de um tema já adquirido mediante métodos tradicionais.

O Psicodrama na educação pode trazer muitos pontos positivos, como o desenvolvimento da espontaneidade, criatividade, aprendizagem do trabalho em grupo, aquisição de segurança psicológica, da confiança em si mesmo e no outro, dentre outros.

CAPÍTULO 2- IDENTIDADE

2.1- Construção da identidade

O indivíduo sem memória, sem história, é como um pássaro com as asas cortadas, sem poder voar... até mesmo a criança desperta a curiosidade em saber quem é, onde está e o que está fazendo neste mundo

A memória é um elemento primordial para a construção da identidade de cada indivíduo ou sociedade. Segundo Florencio (2015), a memória educativa trata-se de um dispositivo que exprime a dimensão histórica do sujeito, seu processo de construção.

O autor Moreno traz o conceito de uma identidade associada a fase mais precoce da criança e que segue com sua evolução, ou seja, acompanha seu crescimento, amadurecimento, até seu convívio social. A identidade surge no momento que a criança descobre a si mesma (EU), o outro (TU) e o coletivo (NÓS). Ou seja, a criança primeiramente descobre quem realmente ela é e depois descobre os papéis dos outros ao seu redor.

2.2- Matriz de identidade

A matriz de identidade é o espaço onde a criança está inserida desde o nascimento, é o lugar onde é possível encontrar as raízes do sujeito. A criança não vive só, desde o seu nascimento relaciona-se com as pessoas e objetos do seu meio. Esse meio do qual ela faz parte é constituído por fatores sociais, materiais e psicológicos.

É na Matriz de Identidade que se iniciam as relações, interações, descobertas... é nela que se encontra o Primeiro Universo da criança, um mundo que a circula desde o nascimento, proporcionando “segurança, orientação e guia”. (Moreno, 1978, p. 114). É nela que a criança desenvolve suas primeiras bases para o processo emocional, onde cada uma tem seu tempo e desenvolvimento.

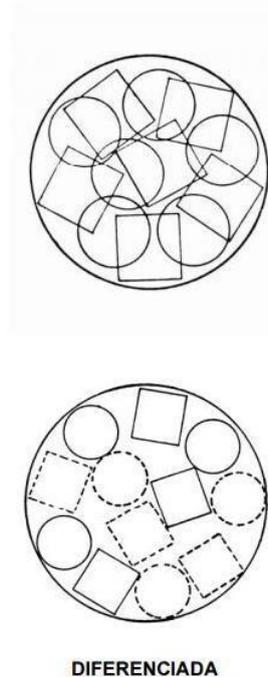
A Matriz de identidade é classificada em três fases. A primeira fase é a Matriz de Identidade total indiferenciada ou fase do duplo, onde a criança, mesmo depois do nascimento, acredita que ela e a mãe são a mesma pessoa. É nessa fase que o bebê não possui iniciativas de ação. Visto que, ele tem alguém que faz as coisas para ele. Se ele tem sede, a mãe oferece água, se ele tem fome, a mãe oferece o alimento. E desta forma, acaba acreditando que ele e sua mãe são seres indiferenciados, são a mesma pessoa.

A segunda fase, Matriz de Identidade total, diferenciada ou fase do espelho é a fase em que o sujeito percebe que ele e a mãe não são a mesma pessoa, que ele é alguém diferenciado. A criança começa a perceber-se como sujeito.

A terceira fase, Inversão de Papéis, o sujeito se percebe diferente de todos os outros. Torna-se capaz de se colocar no lugar do outro e deixar que o outro se coloque no lugar dele. É aí que um toma o papel do outro, e em capítulos seguintes acontece a inversão de papéis.

Figura 2- Matriz de Identidade

MATRIZ DE IDENTIDADE TOTAL



Fonte: Bohrer, 2012.

O caminho formado pela experiência da criança pode facilmente percorrer paralelamente ao caminho do sujeito totalmente espontâneo do palco psicodramático.

Moreno traz observações que clareiam nossos pensamentos em relação a tremenda espontaneidade da criança. Pode-se considerar que a criança é portadora de um aquecimento preparatório dos atos espontâneos, com um tamanho grau de intensidade que todas as partículas do seu ser participam no processo, que nem o menor fragmento pode ser desviado para fins de registro. Onde não há registro, não é possível recordação.

A criança não permite que qualquer parte do seu ser funcione em alguma referência, exceto a situação imediata. Essa absorção integral da criança no ato para o qual está se aquecendo é a razão básica das duas dimensões do tempo, a dimensão do passado e a do futuro, não estarem desenvolvidas. Como diz um ditado popular “criança não mente”, ela é espontânea e age de acordo com o momento. Conforme Moreno (1975), é no passado que armazenamos as nossas recordações e é no futuro que pode lucrar com o seu registro.

Pode-se afirmar que a capacidade de memória da criança aumenta com o passar dos anos, dependendo da capacidade de absorção da mesma. Os três primeiros anos de vida, pertencentes ao primeiro universo, possuem uma característica significativa que é a amnésia, ou seja, a criança esquece facilmente, sua capacidade de recordação tem curta duração.

Um exemplo que pode ser dado é uma criança de um ano que convive diariamente com seus pais e que vê seus tios num período maior de tempo. Como a convivência com seus pais é constante, não ocorre estranheza, pois ela lembra e relembra todos os dias o contato e a imagem dos mesmos. Já com os tios não ocorre o mesmo, pois ao se reencontrarem-se a lembrança dos mesmos já foi apagada.

É interessante também destacar um outro ponto, que pode acontecer quando a pessoa, no caso os pais, mudam o corte de cabelo ou passam por outra mudança, a criança estranha e aos poucos vai se acostumando com a nova imagem.

A criança pequena aprende através da iniciativa espontânea para apanhar as coisas de que necessita. Sua aprendizagem está intimamente vinculada

aos atos, e seus atos baseiam-se em necessidades. Assim, até uma certa idade, todos os conhecimentos da criança são espontaneamente adquiridos e aprendidos. Moreno (1975, p.192).

Um exemplo que pode ser dado é quando se inicia o processo de engatinhar de um bebê. Colocamos um objeto próximo para que ele vá buscá-lo. De tanto repetir esse procedimento, com incentivo, em uma determinada ocasião ela conseguirá apanhar o objeto. Conseguirá apanhar devido um ato espontâneo que ela irá adquirir.

É imprescindível lembrar do passado, mesmo que nossas lembranças sejam reconstruídas conforme as ideias do presente. As lembranças ficam armazenadas como memórias em processo de reconstrução. No desenvolvimento de uma narração, os critérios seguidos estão de acordo com as referências do presente, sendo o mesmo responsável pela seleção do que é ou não importante. Conforme Bosi (1994):

Traços novos se afloram, outros se apagam conforme as condições da vida presente, dos julgamentos que somos capazes de fazer sobre seu tempo. Nos velhos retratos, o impacto da figura viva vai-se apagando ou vai sendo avivada, retocada. Tal como as plantas, que na estação da seca se imobilizam e brotam nas primeiras chuvas, certas lembranças se renovam e em certos períodos dão uma quantidade inesperada de folhas novas. Como planta que se fortalece com a exortia – outros ramos se nutrem de suas raízes e frutificam com vigor renovado, chamando para si a seiva dos galhos originais- a exortia social não deixa que as lembranças se atrofiem (Bosi, 1994: 426).

2.3- O surgimento do Eu

O “eu” não se origina do indivíduo, mas da sua ação como um todo. Goffman (2002, p. 231), conclui, o eu como um personagem representado, não é uma coisa orgânica, que tem localização definida, cujo destino fundamental é nascer, crescer e morrer; é um efeito dramático, que surge difusamente de uma cena apresentada, e a questão característica, o interesse primordial, está em saber se será acreditado ou desacreditado. A equipe é extremamente necessária para o aparecimento do eu, pois é essa equipe que constitui a cena.

O eu surge do desempenho de papéis. Antes de falar do desempenho de papéis é necessário apontar o que seria este papel. Conforme traz Moreno (1975, p.27), o papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento

específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos. Neste contexto, é possível identificar os papéis fisiológicos ou psicossomáticos, como do indivíduo que come, dorme e exerce uma atividade sexual; os psicológicos ou psicodramáticos, como os de fantasmas, fadas e papéis alucinados; e os sociais, como os de pai, policial, médico e outros. O desempenho de papéis inicia no nascimento e perdura por toda a vida do indivíduo e em sociedade. O que se espera é que todo indivíduo desempenhe seu papel, que um aluno atue como aluno e que um professor atue como um professor, mas no decorrer da vida, os indivíduos assumem outros papéis.

2.4- A representação do Eu

Quando um indivíduo conta uma história, desenha ou desempenha um determinado papel, muitas vezes ele usa artifícios para convencer seu público de que a história, o desenho ou o personagem faz parte da realidade. Ou seja, usa todos os argumentos para dar uma impressão da realidade. Faz desta representação benefício próprio ou benefício de outros.

Goffmann (2002, p.29) traz como conceito de representação toda atividade de um indivíduo que passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre este alguma influência. Assim acontece com as crianças que, muitas vezes, estão tão compenetradas que se convencem de que a impressão da realidade é a verdadeira realidade. Existem muitos indivíduos que acreditam sinceramente que a definição da situação que habitualmente projetam é a verdadeira realidade.

Segundo Park (1950, apud Goffman, 2002, p. 27):

Não é provavelmente um mero acidente histórico que a palavra “pessoa”, em sua acepção primeira, queria dizer máscara. Mas, antes, o reconhecimento do fato de que todo homem está sempre e em todo lugar, mais ou menos conscientemente, representando um papel... É nesses papéis que nos conhecemos uns aos outros; é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos. Em certo sentido, e na medida em que esta máscara representa a concepção que formamos de nós mesmos, o papel que nos esforçamos por chegar a viver, esta máscara é o nosso mais verdadeiro eu, aquilo que gostaríamos de ser. Ao final a concepção que temos de nosso papel torna-se uma segunda natureza e parte integral de nossa

personalidade. Entramos no mundo como indivíduos, adquirimos um caráter e nos tornamos pessoas.

Ao trabalhar com crianças, é importante deixá-las à vontade para que a comunicação flua naturalmente. Para que as mesmas consigam passar o que estão pensando ou tem conhecimento no momento. É necessário manter uma distância social para que não ocorra uma intimidade excessiva e o respeito prevaleça.

Quando estamos em sala de aula, também precisa-se manter essa distância, para que o aluno saiba que existem diferentes momentos, a hora de brincar, de fazer as atividades, a hora de conversar e do silêncio. Assim, se consegue manter uma determinada ordem.

O professor deve saber que numa sala de aula existem diferentes personalidades e até que ponto pode trabalhar com as referidas. Então, ao mesmo tempo que se dá liberdade para o indivíduo se expressar, é sabido que cada um tem seu limite. Os indivíduos já nascem com uma personalidade, sabendo-se que ela pode sofrer mudanças no decorrer das fases da vida.

Durkheim (1953, apud Goffmann, 2002, p.27), traz uma observação sobre personalidade, “ a personalidade humana é uma coisa sagrada; ninguém pode violá-la ou infringir seus limites, embora, ao mesmo tempo, o maior bem consista na comunicação com os outros”.

O autor Goffmann (2002, p.71) esclarece sobre o uso do psicodrama como técnica de representação: “Nestas cenas psiquiatricamente montadas os pacientes não somente representam papéis com alguma eficiência, como também não usam textos em seu procedimento. Seu próprio passado lhes é acessível de uma forma que lhes permite representar uma recapitulação dele”.

A representação do indivíduo é um ponto de referência, ficando de um lado o indivíduo e sua representação e de outro a interação do indivíduo com o todo. O conceito de equipe que se forma são representações feitas por um ou mais indivíduos. O indivíduo pode também apropriar-se de seu próprio papel, convencendo-se que a impressão da realidade que cria é a única e verdadeira realidade. Como traz Goffman (2002, p. 80), o indivíduo, muitas vezes, pode manter padrões de comportamento no qual não acredita, ou seja, pode ser sua própria plateia ou imaginar um público presente.

No entanto, uma equipe também pode fazer uma representação para um público imaginário. Durante uma representação de equipe os indivíduos precisam confiar um no outro, rompendo assim as diferenças sociais ou outras que apareçam. A unanimidade é uma exigência da projeção de equipe, onde os indivíduos independentemente concordam em grande parte sobre coisas reais e concretas da vida.

O indivíduo ao se apresentar diante de outro, consciente ou inconscientemente, cria uma impressão do mesmo, onde o conceito de si mesmo é o ponto de partida, onde fazemos uma representação de nós mesmos para os outros, achando que nós somos o modelo.

Todas as vezes que o indivíduo representa seu papel, as unidades sociais amplas, como equipes e instituições, ficam comprometidas, ou seja, a cada representação a legitimidade das mesmas é colocada a prova. Goffman (2002, p. 222), cita um terceiro nível, onde o indivíduo pode envolver profundamente o seu eu em sua identificação com um determinado papel, instituição ou grupo, e em seu conceito de si mesmo como alguém que não rompe a interação social ou desaponta as unidades sociais que dependem dessa interação. Quando acontece uma ruptura, verificamos que as concepções de si mesmo em torno das quais foi construída sua personalidade podem ficar desacreditadas. O autor conclui que a ruptura na representação tem consequências em três níveis de abstração; personalidade, interação e estrutura social.

Muitas vezes, a realidade que o indivíduo espera não transparece no momento, ele precisa confiar nas aparências. Ou seja, quanto mais ele se interessa pela realidade que está além, mais deve focar nas aparências.

O tratamento que o indivíduo tem com os outros está baseado na impressão. E essa impressão gera, muitas vezes, linhas de discriminações, onde é criado pré-conceitos.

2.5- Imitação

Na fase da Identidade Total Diferenciada, ocorre um processo de diferenciação, mesmo que a criança não consiga ainda distinguir os objetos da

realidade e imaginários. Ela passa a imitar uma parte do que observava. Moreno nomeia esse comportamento como “adoção infantil de papéis”, ou seja, a criança assume um papel sem ter noção do verdadeiro significado. A criança vai identificando com alguns papéis de uma determinada cultura, desta forma dando início ao seu processo de socialização. Ela imita o papai, mamãe ou personagens próximos, utilizando expressões por eles usadas; calçando sapatos ou vestindo roupas dos mesmos.

2.6- Estrutura de Orientação Quem, Onde e o quê

A autora Viola Spolin (1987) trouxe o jogo de improvisação, onde o referido passou a ter o significado de descoberta prática dos limites do indivíduo, dando ao mesmo tempo as possibilidades para a superação destes limites. Longe de estar submisso a teorias, sistemas, técnicas ou leis, o ator passa a ser o artesão de sua própria educação, aquele que produz livremente a si mesmo. Ao mesmo tempo que a autora estabelece um sistema que pretende regularizar e abranger a atividade teatral, ele existe para ser superado e negado enquanto conjunto de regras.

Viola Spolin traz para o teatro uma estrutura de orientação denominada ONDE, QUEM e O QUE, com a qual é possível colocar a espontaneidade ao trabalho. É imprescindível estabelecer-se uma relação entre o ONDE, QUEM e o O QUE para que a situação tenha sentido.

O ONDE é o espaço no qual o indivíduo age. O espaço pode ser imediato, que é a área mais próxima de nós, por exemplo a mesa onde comemos. O espaço geral é área onde a mesa está localizada, por exemplo a sala de jantar. E o espaço amplo é a área que está fora do ambiente onde a mesa está localizada, por exemplo, as árvores. Os objetos que fazem parte ou que constituem os ambientes nos ajudam a saber ONDE estamos, em nossa casa, na escola, no shopping e outros lugares.

Segundo Spolin(1987), todas as emoções que usamos na vida diária deveriam surgir de um movimento orgânico do ONDE, QUEM e O QUÊ, envolvimento e relacionamentos da nossa vida pessoal (Spolin, 1987, p.215).

Um destaque muito importante que Spolin traz é a experiência teatral, assim como a brincadeira, sendo uma experiência grupal que permite a alunos com capacidades diferentes expressarem-se simultaneamente enquanto desenvolvem habilidades e criatividade individuais (Spolin, 1987, p.251).

Como o adulto, a criança gasta muitas horas do dia fazendo jogo dramático subjetivo. Os adultos costumam contar histórias, devaneio, tecer considerações, identificar-se com personagens da tevê, já a criança tem, além destes, o faz de conta onde dramatiza personagens e fatos de sua experiência, desde super-heróis até os pais e professores que convivem diariamente. Muitas vezes a criança pode aprender a não fazer de conta e tornar a dramatização real.

CAPÍTULO 3- NARRATIVAS INFANTIS

3.1- Construção de narrativas

O processo de construção do discurso narrativo começa na fase em que a criança nem aprendeu a falar e se estende até a vida adulta. Mesmo não sabendo falar a criança é capaz de compreender as histórias contadas pelos adultos. O contato com os contos de fadas ou relatos do cotidiano, colabora na construção de um conjunto de imagens, nomes e ações que utilizará em situações futuras. A criança tem o adulto e a cultura onde está inserida como modelo na construção da sua linguagem. Quando a criança aprende a falar, ou seja, começa a descrever com palavras variadas ações, ela busca na sua memória tudo o que acumulou desde os primeiros meses de vida.

As crianças de três a seis anos constroem narrativas, contam histórias, misturando experiências vividas com imaginadas. Conforme Perroni (1983), esse recurso não deve ser entendido como um problema de falta de clareza entre o real e o imaginário. Ao contrário: é preciso encará-lo como um dos elementos mais importantes para o desenvolvimento cognitivo e afetivo dos pequenos.

O faz de conta está presente nos pensamentos infantis. As crianças se apropriam de personagens que fazem parte do seu convívio, como personagens de uma família ou personagens que conhecem dos desenhos animados, super-heróis, príncipes, princesas e assim por diante. Nos anos da Educação Infantil a compreensão de ficção e realidade ainda estão em desenvolvimento. É de extrema importância que este fator seja levado em consideração nas conversas com as mesmas. O referido fator está relacionado com uma característica presente no pensamento da criança, o sincretismo, que nada mais é que a associação de elementos da realidade obedecendo critérios pessoais, como a afetividade, observação e imaginação.

Faz-se necessário que o professor trabalhe com as narrativas de maneira minuciosa e cautelosa, para não tirar conclusões equivocadas. Quando a criança destaca palavras “feias” ou fatos violentos, não quer dizer exatamente que os

mesmos se referem a fatos ocorridos em casa, ou seja, a fatos relatados ou vividos. Essas palavras feias ou fatos violentos podem originarem-se de outra natureza.

A leitura ou contação de histórias é um exercício de grande valia, regado a faz de conta, onde é trabalhado a atenção, a memória e o pensamento, pontos importantes para que ocorra a aprendizagem.

3.2- Educação Integral

A ensino de tempo integral surgiu pela crescente demanda, principalmente das famílias, ou seja, pela necessidade de deixar as crianças em tempo integral na escola para trabalhar. A educação infantil está cada vez mais presente na realidade das crianças, que desde cedo iniciam sua rotina escolar. A educação integral agrega pontos positivos se trabalhada de forma lúdica e não rotineira, pelo fato de que as crianças de tempo integral passam de oito a nove horas diárias na escola. No entanto, a rotina da educação integral deve ser a mais diversificada possível. Não se pode esquecer que, um dos principais fatores que contribuem para um ensino integral de qualidade é o espaço. Logo após, e não menos importante, vem a formação continuada dos profissionais que atuam na área.

A educação integral é um meio para garantir o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes em todos os âmbitos da condição humana. Quando usufruem da condição de sujeito de direito, podem confirmar que possuem um lugar no mundo de hoje, enraizado no mundo de ontem e com perspectiva de um amanhã, segundo o Programa Mais Educação, 2009. Assim complementando, a Educação Integral constitui ação estratégica para garantir proteção e desenvolvimento integral às crianças e adolescentes que vivem na contemporaneidade marcada por intensas transformações: no acesso e na produção de conhecimentos, nas relações sociais entre gerações e culturas, nas formas de comunicação, na maior exposição aos efeitos das mudanças em nível local, regional e internacional.

Os adultos de hoje, viveram sua infância e juventude sob constante influência dos adultos. Mas, na atualidade precisam reconhecer alguns fatores nas crianças, como seus interesses, opiniões, dificuldades e habilidades, para que as mesmas não vivam sob essa total influência, porém, baseadas nas experiências.

Segundo Gouveia (2006), a concepção da integralidade se expressa na composição e na dinâmica da equação pedagógica, que é composta por quatro elementos:

- Os sujeitos aprendentes e ensinantes ocupam lugares dinâmicos: o educador é o adulto que tem a responsabilidade pelo percurso educativo e se coloca à disposição da invenção de situações de aprendizagem que levam em consideração quem são, onde vivem, o que sabem e o que desejam os aprendizes com os quais vai empreender a aventura do conhecimento.
- Os espaços são os lugares disponíveis e potencializadores da aprendizagem. Lugares onde se encontram os objetos de conhecimento seja no âmbito da cidade ou no campo. Locais que são ocupados pelos sujeitos, produzindo uma ambiência educativa.
- Os tempos: são definidos a partir dos sujeitos e objetos de conhecimento envolvidos na aprendizagem.
- Os objetos de conhecimento estão no mundo, definem-se num arranjo que coloca em relação os interesses, as necessidades e as possibilidades dos diversos sujeitos envolvidos. O acesso e a apropriação desses objetos pelos envolvidos se dão por meio de projetos que viabilizam um produto que realiza e comunica o aprendizado de todos, pois aprender é conhecer e intervir no seu meio. (Cidade Escola Aprendiz, 2207).

O caderno Bairro Escola Passo a Passo (Cidade escola Aprendiz, 2007) trata da Educação Comunitária, onde se explicita uma concepção que traz novos significados para a educação ao aproximar o processo educacional da vida das pessoas numa ligação mais estreita com seu cotidiano.

Diante desses pontos, vê-se a necessidade da articulação de um conjunto de fatores sociais e programas que possam contribuir para que seja possível oferecer oportunidades as crianças e adolescentes a fim de garantir seu desenvolvimento integral. Visto que existe muitas desigualdades sociais.

3.3- Mapeamento

Diante das percepções, contatos e referências, transparecem várias possibilidades de aprendizagem. No âmbito do Bairro-Escola o “mapa do visível” inclui atividades associadas a área educacional e o “mapa do invisível” inclui atividades que não pertencem tradicionalmente ao universo da educação. Vale destacar que, ambas as atividades contribuem para o processo pedagógico.

A partir do momento em que são mapeados os lugares, faz-se necessário identificar as pessoas pertencentes aquele espaço, visto que todo indivíduo tem seu papel neste contexto.

Os professores têm como função permitir o enriquecimento do processo pedagógico por meio da aquisição dos conhecimentos através da observação e experimentação da realidade. Ou seja, os lugares frequentados além da sala de aula também permitem a aprendizagem de conteúdo, muitas vezes com graus maiores de interesse e ludicidade.

CAPÍTULO 4- METODOLOGIA

Este trabalho, de natureza qualitativa, utilizou-se de procedimentos metodológicos baseados em uma revisão bibliográfica em consonância com o tema da monografia e uma prévia pesquisa de campo no ambiente escolar da Educação Infantil.

Visto que o método qualitativo é regado de pontos positivos, pois busca formular novos conceitos, categorias, construções ou revisão de novas abordagens que objetivam a melhor compreensão do objeto de pesquisa. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. A pesquisa qualitativa tem como princípios a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados. Como concluem Silva e Menezes (2005), o processo e o significado são os focos principais da abordagem.

Esta pesquisa adotou como procedimento a abordagem direta, preocupando-se com a proximidade descritiva da realidade vivida, diante das mais variadas formas de convivência dos alunos. Gil (1999), traz a peça principal no conhecimento desta realidade, o sujeito, sem ele não seria possível a construção do conhecimento.

Os participantes da pesquisa, 12 alunos entre 5 e 6 anos, desenvolveram os materiais mediados pela pesquisadora. A pesquisa iniciou-se no dia 13 de setembro de 2016 e chegou ao fim no dia 09 de dezembro de 2016.

O palco da pesquisa foi uma escola particular de Educação Infantil, que atende mais ou menos 500 crianças do berçário aos 5 anos. Está no mercado há 15 anos e localiza-se na cidade de Águas Claras, Distrito Federal.

A cidade de Águas Claras, com aproximadamente 31,50Km² e uma população de pouco mais de 135 mil habitantes. É considerada o maior canteiro de obras da América Latina, devido ao seu crescimento acelerado e a construção de dezenas de prédios residenciais sendo inaugurados a cada ano. A área vertical,

maior porcentagem da cidade, não tem escola pública. Mas, conta com muitas escolas particulares.

A escola utiliza como norteador o Sistema Farias Brito. Tem como missão, oferecer educação de qualidade, criativa e inovadora aos alunos das etapas berçário e infantil, proporcionando-lhes as melhores experiências para o seu desenvolvimento intelectual, emocional e social.

A filosofia educacional da escola é inspirada nos princípios de liberdade e solidariedade humana, tendo como finalidade o pleno desenvolvimento do aluno e seu preparo para o exercício da cidadania. A proposta educativa é concebida nos ideais do sócio-interacionismo, integrando Projetos Interdisciplinares, Estações de Aprendizagem (Abordagem de Reggio Emília, concebida como Pedagogia da Escuta) e Linhas de Investigação.

A escola trabalha de forma contínua, não fragmentada em cada etapa, propiciando as múltiplas linguagens de forma significativa; o jogo e o brinquedo como fontes de aprendizagem em que a criança articula o conhecimento em relação ao mundo; a observação, a preservação da natureza; o estímulo à autonomia e à construção da identidade da criança.

O ambiente da escola é amplo (25.000 metros quadrados), possuindo grande parte de área verde, constitui-se de vários ambientes, quadra, campo de futebol, três parquinhos, cineminha, sala de vidro, sala de balé, sala de leitura, refeitório, horta e fazendinha. As salas são arejadas e espaçosas, com cadeiras, mesas e banheiros adaptados a idade de cada criança.

Devido o amplo espaço é possível a realização de vários projetos, como Gastronomia Sustentável, fazendinha, Sala de Leitura, Horta, Sacola do Final de Semana, Educação no Trânsito, Musicalização, Alimentação Saudável, Projeto Literário, Páscoa Solidária e Projeto Movimento e Projeto Bilíngue. Além da Equipe Pedagógica, conta com os especialistas: nutricionista, enfermeira, fisioterapeuta, fonoaudióloga e educador físico.

Em sua grade horária estão incluídas aulas de capoeira, balé, judô, movimento, horta, hora da leitura, música e inglês.

O objetivo geral desta pesquisa, é reconhecer aspectos da emergência do eu na Matriz de Identidade dos alunos a partir das narrativas, auto apresentação e

percurso. E tem como objetivos específicos, identificar como os alunos se percebem e apontar o percurso descrito pelos alunos no seu dia a dia.

Descrição do Procedimento

Diante da possibilidade de realização da pesquisa nesta referida escola, pedimos autorização aos responsáveis pela mesma. Com a devida autorização da diretora, coordenadora, professora e pais ou responsáveis deu-se início a pesquisa.

Para esta investigação foram utilizados como instrumentos de produção dados materiais e áudios desenvolvidos pelos alunos de uma sala de Infantil V, Educação Infantil, de uma escola particular.

Antes de ir para sala de aula fui conversar com a professora sobre os horários disponíveis para aplicação deste trabalho. A professora da turma foi bem prestativa e disponibilizou uma hora diária das suas aulas para que fossem coletados os materiais.

No primeiro momento, os alunos contaram histórias sobre sua vida cotidiana na escola, em casa ou outro ambiente frequentado. Algumas histórias reais e outras com pinceladas do imaginário. Para dar início a primeira parte da pesquisa, a pesquisadora apresentou-se, assim como os alunos. Para que os alunos ficassem mais à vontade, a pesquisadora contou uma história de um acontecimento da sua infância, utilizando como suporte uma boneca de pano com características suas e com o nome bordado no vestido.

Para o primeiro dia de pesquisa, foram organizados os materiais necessários, como o celular, para gravação dos áudios das narrativas e uma boneca de pano para contação de uma história. E o ambiente para realização, foi uma sala vaga em frente a sala dos alunos, onde colocou-se duas carteiras emendadas e duas cadeiras frente a frente.

Pesquisadora e aluno sentaram-se frente a frente e a direção da história era, me conte uma história que aconteceu aqui na escola, na sua casa ou em outro lugar. A mesma deixou os alunos bem à vontade se quisessem mudar de lugar e para falarem o que a memória dos mesmos permitisse. Quando a história não se desenvolvia, era oferecida uma direção ou eram feitos questionamentos. Os áudios

das histórias foram gravados para análises no decorrer da pesquisa. O tempo das histórias variou de 6 a 14 minutos. Esta parte da pesquisa foi realizada em 3 dias, sendo atendidos 4 alunos cada dia. As transcrições das narrativas foram feitas minuciosamente, obedecendo a linguagem dos alunos. Esta parte do levantamento de dados acarretou um tempo maior, pois era necessário parar o áudio várias vezes, para que as narrativas fossem transcritas conforme os áudios.

Observou-se nos alunos dificuldades para desenvolverem as narrativas. A continuação deste primeiro momento da pesquisa foi a transcrição dos áudios das narrativas tal como eram para continuação das análises.

O segundo momento, foi trabalhado com a turma toda o autorretrato. O mesmo aconteceu em dois dias. As atividades deste dia foram realizadas na sala de aula dos alunos.

No primeiro dia, a pesquisadora explicou o que era o autorretrato e apresentou a turma o seu autorretrato. Em seguida, ofereceu folha branca A4 e lápis de cor, canetinhas, para que eles desenhassem e colorissem o seu autorretrato.

No segundo dia, fez-se uma dinâmica, onde se formou um círculo com as carteiras, onde neste círculo tinha uma carteira diferente. Na qual um aluno de cada vez sentou e falou sobre seu desenho. Foi aberto para perguntas dos colegas e pesquisadora, deixando livre se alguém quisesse contar uma história sobre o desenho. Com cada aluno, a pesquisadora aplicou uma dinâmica relativa a brincadeira “Adedonha”: cor, animal, fruta, comida, desenho, personagem, time, parte do corpo, brinquedo e música para que os alunos descrevessem um pouco mais sobre o eu de cada um.

O terceiro momento foi a criação de um mapa do território, onde os alunos localizariam os lugares mais frequentados. As atividades deste momento foram realizadas na sala dos alunos.

Organizou-se os materiais para desenvolvimento da atividade, como folhas brancas, lápis preto, borracha, canetinhas, giz de cera e lápis de cor. A pesquisadora apresentou a todos o seu mapa do território, desenhado em uma folha A4 e redesenhou no quadro branco para melhor visualização dos mesmos. Os alunos também desenharam em uma folha A4 os lugares que eram frequentados regularmente, que faziam parte do seu dia a dia. Cada um explicou para a turma os

devidos desenhos. Diante da apresentação dos desenhos, abriu-se espaço para que fossem feitos questionamentos, elogios ou qualquer outra forma de manifestação.

Os materiais desenvolvidos pelos alunos, narrativas, autorretrato e mapas foram analisados através da análise categorial. De acordo com Bardin (1977, p.119), a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamentos segundo o gênero dos critérios previamente definidos. Através da categorização, tem-se uma visualização mais simplificada dos dados brutos. Sendo muito importante para a compreensão dos objetos de análise, pois, os agrupa em categorias semelhantes.

Os materiais construídos com os alunos e o modelo do termo de livre esclarecimento encontram-se em Anexo, no final desta pesquisa.

CAPÍTULO 5- RESULTADOS

Esta pesquisa teve como material de estudo, narrativas, autorretrato e percurso de crianças da Educação Infantil.

5.1- Narrativas

As narrativas foram construídas pelos alunos, com a mediação da pesquisadora, -conte uma história que aconteceu na sua casa, na escola ou em outro lugar- as quais estão em anexo. As crianças tiveram entrevistas individuais, nas quais tinham todo tempo e liberdade para desenvolverem narrativas sobre si mesmo, como elas se apresentam, o que fazem, contando uma história. O conjunto dessas histórias faz com que se aplique a metodologia de Viola Spolin, que organiza o discurso das crianças em três momentos: Quem, Onde e O quê. O **Quem** vai falar do sujeito dessa história ou dos personagens que estão ao redor desse sujeito. Conforme tabela abaixo observa-se que há vários personagens que aparecem, como por exemplo, o eu, o pai, a mãe e assim por diante. O **onde** é o lugar onde a cena acontece nessa descrição infantil, como por exemplo, a sua casa, a casa da vó. E **O que** descreve a ação que é realizada pelas pessoas naquele ambiente.

Através das ações que as crianças fazem, elas se identificam como um sujeito que existe, eu existo porque assisto desenho, porque me machuco, porque passeio de cavalo e assim sucessivamente. Os resultados foram categorizados (sujeito, ação, local) e constam na tabela abaixo.

Tabela 01: Distribuição dos alunos conforme construção do personagem.

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Quem	Eu	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
	papai	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
	mamãe	x	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x
	irmãos	x	x	x		x		x		x	x		x
	avós	x		x	x		x	x	x				
	tios				x			x	x				
	primos				x								x
	amigos	x				x		x	x	x		x	x
	babá		x			x					x		

	médico			x			x		x				
	costureira								x				
	motorista									x			
	cachorro	x	x	x		x					x		
	gato				x								
	mosquito				x								
	cavalo					x							
	barata						x						
	besouro						x						
	peixe		x										
	morcego											x	
	três porquinhos		x								x		
	branca de neve				x								
	bruxa				x								
	príncipe				x								
	malvado									x			
	menininha									x			
	super homem										x		
	flecha										x	x	
	hulk										x		
lobo mau		x											
Onde	minha casa	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
	casa avós	x											
	shopping	x						x					
	brinquedoteca	x											
	escola	x	x	x	x	x			x	x	x	x	
	hotel fazenda	x											
	hospital				x					x			
	praia					x		x				x	
	parque de diversão					x							
	hotel					x						x	
	enfermaria					x							
	parque						x						
	rancho						x						
	piscina						x	x					
	padaria									x			
	floresta											x	
	aeroporto												x
	casa primos												x
O quê	assistir desenhos	x								x			
	assistir filmes										x		
	ir ao cinema	x							x				
	brincar	x	x	x		x				x	x	x	
	pescar	x											
	aprender	x											
	aprender música	x											
	aprender inglês	x											
	estar de férias	x								x			
	jogar cartas			x									
	jogar celular			x									

machucar o joelho			x	x								
mordido pelo cachorro			x					x				
estudar			x									
viajar				x	x	x		x			x	
arranhado pelo gato				x								
comemorar aniversário				x	x		x	x		x	x	x
cair					x							
passear de cavalo					x							
tomar banho de piscina					x							
arranhado pelo cachorro					x							
machucar o pé						x						
cortar o dedo						x						
machucar a pele						x						
lanchar				x			x					
machucar o olho								x				
dançar balé									x			
participar festa do pijama										x		
machucar a perna										x		
picado pelo mosquito				x								
desenhar									x			
andar de barco											x	

Fonte: a autora

A análise da tabela 1 pode depreender que a maior parte das crianças disseram respeito a família, como pai, mãe, avó, tio, etc. o ambiente predominante foi a casa. A atividade preponderante foi brincar. No capítulo seguinte discutiremos melhor a construção do personagem eu e seus complementares.

5.2- Auto apresentação

De acordo com os desenhos de autorretrato das crianças, é possível verificar várias características, algumas com sentido real e outras com sentido imaginário. Em sua maioria, bem coloridos, representando uma certa alegria. É possível verificar também o eu representado de diversas formas.

Os desenhos números 02, 05 e 08 foram feitos com os personagens flutuando no espaço, onde não há a perspectiva de espaço; usaram triângulos para representar as montanhas. Uma semelhança que apareceu entre os 05 e 08 é que além dos personagens estarem flutuando, ambos desenharam animais, como as borboletas e o cachorro. Onde o primeiro, respectivamente, podemos supor que está

em um jardim, um eu sou no mundo em um jardim, e o segundo passeando com seu animal de estimação, eu brincando com o cachorro. O desenho número 05 não dá para identificar, olhando à primeira vista, se é menino ou menina.

As meninas demonstram detalhes, como uma boca com batom, um laço de fita no vestido. O número 09, expressa muito bem alguns detalhes, como a barba do pai e ela está representada com cílios no rosto, mas diferente das outras meninas ela está usando calça, diferente das outras que usam saia ou vestido. Nesse desenho ela deu importância a ação de brincar de bola com o pai e a um pé de maçã, que pode ter algum significado para ela. Encontra-se um eu que se qualifica por meio de ações, brincar, jogar bola.

Dos 12 desenhos, 3 deles enfatizaram a família, 3 deles os amigos, 2 deles animais e 4 deles se apresentaram sozinhos no espaço. Existem referências diferentes. Há um grupo de alunos que identifica o seu eu em sociedade, seja ela, amigos ou familiares, significando uma integração maior. Essa característica, E há um outro grupo que se apresenta só. Alguns tem no ambiente o eu no espaço totalmente vazio, que pode estar sentindo-se só e outros em um espaço cercado de personagens e símbolos. Essas características podem significar traços de personalidade.

Na linha do imaginário, apareceu um buraco na árvore (desenho número 03) que pode ser um lugar especial, que tenha sentido para a criança, que a gente não sabe qual é, talvez o lugar do outro, e um boneco (desenho número 10), que não se sabe se existe ou não ou pode ser também um brinquedo preferido.

No desenho (número 12), destacou-se um cabelo colorido, que segundo seu autor, seria as cores do arco-íris que coloriram seu cabelo, neste ele deu grande destaque e importância para esse arco-íris. Nesse lugar do infantil, eles apresentam lugares inusitados, que não se pode fazer uma interpretação como um adulto quando se apresenta.

O sujeito (número 07), demonstrou grandes dificuldades de se expressar nas narrativas, dificuldade essa que se repetiu na hora de representar o seu autorretrato. A perna está em movimento, que pode ser um eu passeando.

O desenho (número 05), chamou atenção pelo fato de delimitar um novo limite, visto que a folha já tem um limite. Característica que pode induzir que ela está num mundo fechado, sem muitas oportunidades de socialização.

O desenho (número 06), representou alguns detalhes, como coração vestido, corações espalhados pelo desenho, que pode significar um amor, um namoro, que representa um eu sou no mundo namorando.

O desenho (número 02), imitou de certa forma o autorretrato da pesquisadora, pode significar que teve dificuldade em fazer, que demostre pouca cooperação, mas que tenha vontades de fazer. 02 de 12 desenhos representaram o seu eu em forma de palitinhos, forma elementar, pouco desenvolvida.

Alguns desenhos utilizam uma linha de base embaixo dos pés, que pode significar estar em um lugar determinado.

De acordo com Goffmann, o grupo de alunos que identifica o seu eu com outros personagens, está inserido em sociedade. E o grupo de alunos que identifica o seu eu só, precisa de uma maior integração, para viver em sociedade. Um ponto importante do psicodrama, que tem como função mostrar ao sujeito que ele e a sociedade são responsáveis pela produção e desempenho de papéis. Na linha do imaginário que Moreno intitula como segundo universo, aparece um buraco na árvore e um boneco. É a partir do segundo universo que os indivíduos começam a desenvolver dois tipos de papéis, o social mais ligado a realidade e o psicodramático, mais ligado ao imaginário, a fantasia. Aparecem, nos desenhos, sentimentos afetivos, como o amor, característica da matriz social. E cores, em forma de arco-íris, que é uma coisa impressionante para a criança, característica da matriz criativa dele. A espontaneidade e a criatividade são ações importantes para a teoria do Psicodrama.

Uma das características da maioria das crianças é serem espontâneas; nestes desenhos e questionamentos dos mesmos, transparecem alguns sinais de espontaneidade. Por que o seu boneco está vermelho e o cachorro verde? Porque o homem aranha é vermelho e o cachorro é verde. A frase “Desenho maravilhoso” foi a mais utilizada, principalmente pelas meninas. Foram observados alguns detalhes como a posição do personagem do desenho, “Por que ela está com a perna levantada? ”. Desenhou o arco íris porque gosta das cores. Interessante foi a

pergunta do colega para o autor do desenho do arco-íris: por que seu cabelo estava colorido? E mais interessante ainda foi a resposta: porque o arco-íris passou pelo meu cabelo. Desenhou o amigo ou o cachorro porque gosta dos mesmos. Olha a imaginação. Por que você fez um quadrado em volta do desenho? Porque é uma varanda. No meu desenho de autorretrato desenhei eu segurando dois balões com as iniciais das minhas duas filhas, pessoas de extrema importância na minha vida. Como mostrei e expliquei o desenho para os alunos, teve uma aluna que desenhou também dois balões, onde um era ela e o outro seu irmão. A imaginação se fez presente novamente, onde uma criança desenhou ela e seu peixe passeando pelo parque de Águas Claras.

Logo após a apresentação do seu autorretrato, aplicou-se a brincadeira “Adedonha”, para conhecer um pouco mais dos gostos de cada criança.

Tabela 02: Brincadeira Adedonha

Alunos	Cor	Animal	Fruta	Comida	Desenho
1	vermelho	cachorro	goiaba	macarrão	Floogals
2	azul	cachorro	melancia	carne moída	Frozen
3	azul	Gato	amora	carne moída	Carrossel 2
4	azul	cachorro	maracujá	macarrão	Frozen
5	verde	cachorro	Uva	Feijão	Barbie
6	azul escuro	Peixe	morango	bife com arroz	Frozen
7	rosa	Cavalo	banana	macarrão	Carrossel
8	marrom	dinossauro	maça	carne assada	Pokemon
9	roxo	Gato	morango	espaguete	Pepa
10	azul	Macaco	maça	macarrão	Tio avô
11	rosa	Coelho	banana	hamburguer	Frozen
12	verde claro	cachorro	melancia	macarrão	Bob esponja

Fonte: a autora

Tabela 03- Continuação Brincadeira Adedonha

Alunos	Personagem	Time	Parte do Corpo	Brinquedo	Música
1	Homem aranha	Fluminense	braço	Homem aranha	Paradise
2	Minie	Brasil	braço	Elsa	Livre Estou
3	Homem aranha	Tupi	perna	arma de atirar	Funk
4	Ana	Brasil	pé	Baby Alive	Livre Estou
5	Elsa	Brasil	pé	Barbie	Barbie

6	Elsa	Botafogo	orelha	Elsa	Livre Estou
7	Homem aranha	Brasil	pé	carro	Funk
8	Picachu	Flamengo	cabeça	ovinho que acende	Música do Pokemon
9	Pepa	Sampaier	olho	bonecas	Bang
10	Homem aranha	Barcelona	braço	Homem aranha	Hip hop
11	Elsa	Brasil	mão	Barbie	Livre Estou
12	Patrick	Brasil	boca	carro	Opacanasta

Fonte: a autora

De acordo com a tabela, nesta idade de 5 a 6 anos, as crianças já sabem expressar seus gostos e suas vontades. A cor predominante foi a azul; o animal preferido é o cachorro, dado que confirma que o cachorro é o melhor amigo do homem. É extremamente importante comer frutas para que se tenha uma alimentação saudável, que bom que as manifestaram esse gosto, as frutas preferidas foram banana, melancia e morango. A comida preponderante foi o macarrão. O desenho, Frozen, a onda do momento. E o personagem, o inesquecível homem aranha. Time, Brasil, não demonstraram forte paixão pelo futebol. Supõe-se que os pais não estão tão fanáticos por times de futebol, assim não influenciando os filhos. Parte do corpo, o braço e pé. Brinquedo, aparece novamente a figura do homem aranha e a Elsa. Música, Livre estou, que está em consonância com a figura da Elsa.

5.3- Percurso

O percurso do nosso dia a dia pode ser conhecido também como mapa do nosso território, os lugares que se frequenta. É uma orientação geográfica espacial de como o sujeito se vê no seu território.

Alguns percursos são caracterizados por muitas ações, como por exemplo acompanhar os pais no mercado, lavanderia, padaria e assim por diante. O percurso (número 10) traz um cemitério para cachorros, uma característica curiosa, que pode representar a perda de seu animal de estimação e que ele foi enterrado em um cemitério, fato que tem grande significado para ele. Enfim, ficou marcado essa ida ao cemitério.

Aparece algumas atividades extraescolares, como natação, balé, passear no parque, etc. Nesse ponto interessante que aparece, é possível verificar a idade que as crianças estão fazendo atividades extras escolares, que muito cedo elas iniciam essas atividades.

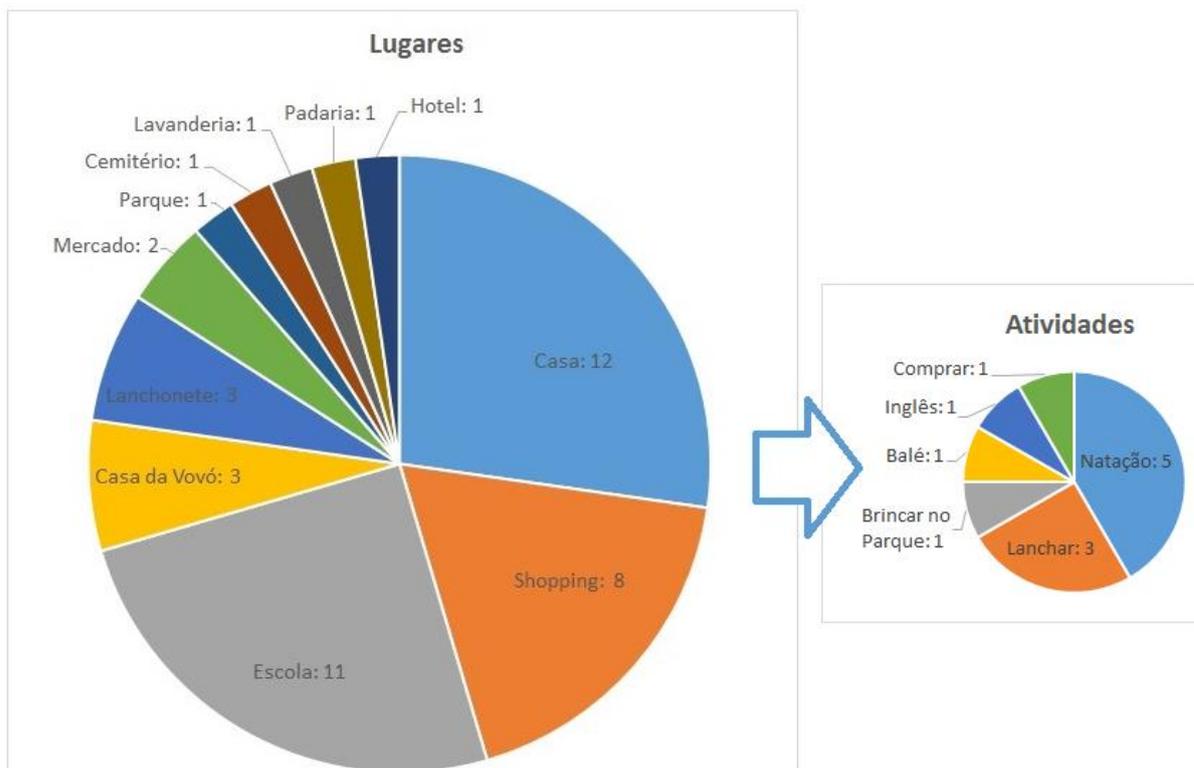
02 de 12 desenhos fazem a representação de Pokémon, que leva a crer que eles estão caçando Pokémon, um brinquedo eletrônico que está na moda no momento. Faz parte do caminho dele ficar caçando Pokémon. A figura do hotel (desenho número 05), pode-se inferir um passeio, que ele pode ter passeando no final de semana. Esse passeio, o jogo de Pokémon, coisas que comprou no shopping, visitas na casa da vó, são acontecimentos recentes que levam a uma memória curta, recente do seu trajeto.

Os percursos são feitos de formas diferentes, ocorre o percurso que só vai, parece que para voltar tem que passar por todos os lugares novamente para chegar no ponto de partida, o percurso circular e o percurso que se repete, escola, minha casa, shopping, lanchonete e minha casa novamente.

Os lugares que mais se sobressaem são, casa, escola, shopping, casa da vó e lanchonete. A integração familiar ocorre em casa, na casa da vó, por exemplo. E a integração cotidiana acontece na ida ao supermercado, na padaria, por exemplo.

03 dos 12 desenhos representam um meio de transporte para ir para a escola. Pode inferir que moram longe da escola e precisam desse meio de transporte.

Gráfico 01- Lugares frequentados e Atividades desenvolvidas.



Fonte: a autora

CAPÍTULO 6- ANÁLISE E DISCUSSÃO

Segundo as fases da Matriz de Identidade, as crianças estão entre o caótico e o indiferenciado. Tudo está acontecendo e elas estão indo para todo lugar. E o processo de diferenciação também está acontecendo, pois quando se pergunta, aonde você vai, elas estão dizendo, que o shopping é diferente da natação que é diferente casa e diferente da casa da vó. Elas estão diferenciando esses lugares. Elas não conseguem é planejar sozinhas, eu vou na casa da vó, então, nesse caso não acontece a inversão de papéis. Mas, este trabalho de diferenciação é extremamente importante.

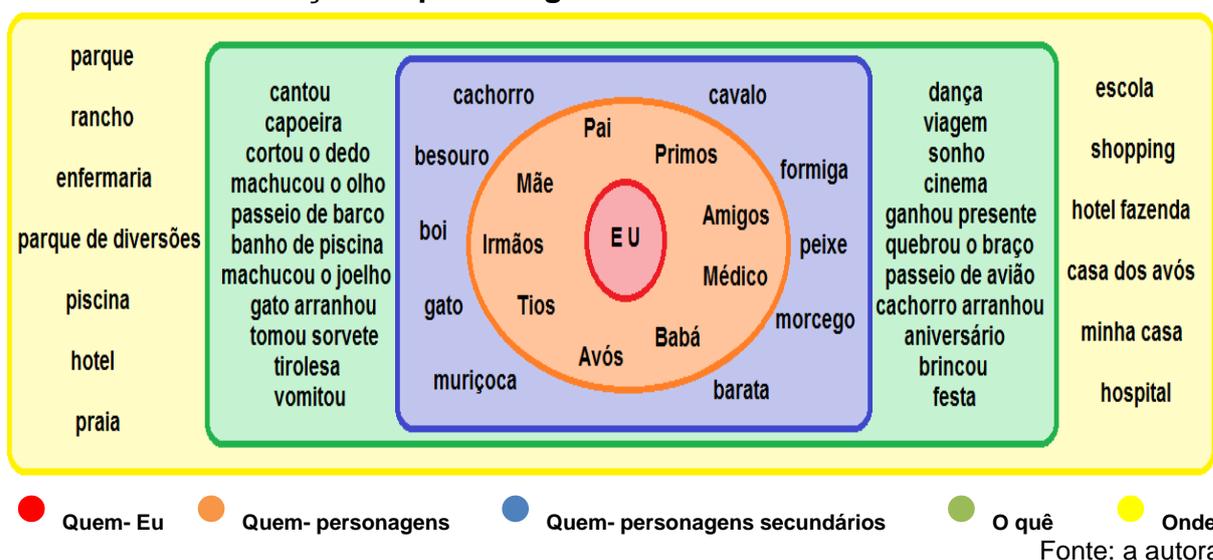
Os pais, no natal, nos dão presentes como, esse é o carrinho de bombeiro, esse é da polícia, esse aqui é do hospital, o que ocorre é que a gente vai organizando geograficamente a partir de papéis sociais que existem. Os pais também oferecem uma educação mínima aos filhos como, se você estiver no shopping e se perder do papai ou da mamãe, procure um guarda, peça ajuda para ele. Então, eles organizam a sua ação no mundo a partir dos papéis. Se essa criança não tem a noção dos papéis, ela ainda não dá conta de diferenciar como o outro vai sobrevivendo no mundo. Nesta idade, eles têm capacidade de decorar o endereço e telefone de casa ou o telefone do pai e da mãe.

Na Matriz de Identidade diz que nascemos num mundo considerado caótico ou indiferenciado. Eu não sei me situar no mundo ainda, eu faço o que minha mãe diz que é para fazer. No momento em que eu reconheço de alguma forma que sou uma pessoa diferente da outra e que minha vontade também é diferente da outra, ocorre a instituição de um conflito. As crianças começam a situar-se no mundo. Quando a mãe fala para fazer algo, nego ou questiono o porquê de tal dever. As crianças adoram a palavra por que. Por que isso, por que aquilo; esses por quês são a emergência do eu das crianças. Ela discorda de uma ordem que antes era estabelecido. Começa a enxergar possibilidades. Eu posso fazer isso ou outras coisas, posso acordar e ir para a escola ou ficar vendo tv. A criança começa a situar-se numa diferenciação. Em certos momentos, a criança é capaz de colocar-se no

lugar da mãe. Quando brinca de boneca, por exemplo, age a boneca de acordo com que a mãe age com ela. Ela começa a fazer um jogo de papéis.

Quando o professor está indo bem com todas as crianças e tem uma ou duas que não está se desenvolvendo conforme o esperado ou um determinado aluno não está identificando muito bem, o seu eu, o que o professor precisa fazer? Ele deve manter o programa da escola ou complementar suas aulas para que esse aluno consiga acompanhar os demais?

Gráfico 02- Construção do personagem



A grande questão da Matriz de Identidade, que interessa a Educação Infantil, é como sair do caótico e indiferenciado e caminhar com as crianças para a diferenciação de lugares, pessoas e papéis sociais, para que elas possam organizar suas vidas. Essas crianças apresentaram, de certa forma, poucos lugares, a discriminação de pessoas, papéis e território ficou empobrecida. Elas poderiam ser melhor estimuladas dentro do espaço geográfico que elas vivem, a circular nesse território, conhecer mais pessoas e discriminar os papéis que elas representam. Essa seria uma boa contribuição que a escola daria na Educação Infantil. Objetivos focalizados para esse desenvolvimento da percepção do seu território e de si mesmo nele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os alunos organizam a sua visão de si e do mundo a partir das ações que eles fazem e dos lugares que frequentam. Como eles qualificam esses lugares. Uma porcentagem dessas crianças tem um núcleo familiar forte, que é lembrado na cada da avó. Curiosamente eles não falam avós, avô, falam avó ou vovó. Uma suspeita é que se essas crianças teriam os pais separados ou não, ou se ficam com a avó quando os pais têm algum compromisso ou essa avó cuida deles enquanto não estão na escola. Outro ponto que talvez leve a pensar que algumas dessas crianças são filhos de pais separados é o fato de que as crianças frequentam lanchonete. De forma tradicional, a família geralmente frequenta restaurante.

A ação de passear no shopping apareceu em números consideráveis. Interessante é que shopping seria um lugar de compras e não de passeio. Não falam em pontos turísticos, como monumentos ou outros. Não citaram igrejas, este signo não estando presente talvez represente que um elemento de socialização tenha se perdido. Pode ser que uma geração inteira não esteja mais frequentando a igreja. Ou será que é nessa idade, 5 a 6 anos, que não se vai. Essa hipótese não é uma crítica, mas se não estão indo na igreja, que lugares frequentam para encontrar pessoas, para que façam a socialização. Esse espaço de circulação entre pessoas não está tendo? Então, em que lugar está acontecendo?

As crianças organizam o seu eu através das atividades que seus pais ordenam a elas, como ir para a escola, natação, balé, inglês e assim por diante. Organizam sua visão de mundo a partir de ações que eles fazem e dos lugares que frequentam. Através das narrativas, transparecem as ações que as crianças fazem, que se identificam como sujeito. Diante da auto apresentação, eu sou, é como a criança se vê no mundo, se vê no mundo brincando, passeando, comendo e assim por diante. O eu se identifica de várias formas, eu sou, eu quero, eu faço, eu tenho vontades.

Através da minha experiência subjetiva na educação, pude perceber uma notável diferença entre os desenhos desenvolvidos pelos alunos do Infantil V, materiais desta pesquisa, em relação aos desenhos do Infantil III, turma com a qual trabalhei no ano de 2016. Alguns desenhos do Infantil V foram elaborados através

de palitinhos, faltando partes do corpo essenciais, como olhos, sem coloração ou com coloração sem limites ou direções, sem coordenação motora adequada; enquanto que alunos do Infantil III desenham a figura humana de acordo com o padrão, desenham com mais coordenação motora e colorem respeitando as margens. Mas, vale destacar que esta observação não é para todos os alunos, e sim uma porcentagem considerável. Será que a ideia de que alunos de idades inferiores possuíssem desenhos melhor qualificados pode significar algo que esta pesquisa não deu conta de entender perfeitamente. Precisaria de um pouco mais de atenção, para saber se teria estudado crianças com algum tipo de dificuldade e que dificuldades seriam essas. Ainda diante da minha experiência, acredito que essas crianças precisariam de mais estimulação no processo de construção do sujeito e de identificação do seu território.

E conclui-se que a Educação Infantil tem papel de extrema importância, pois é nesse espaço que as crianças podem ser melhor estimuladas ao processo de diferenciação de lugares, pessoas e papéis sociais.

Se fosse fazer a pesquisa novamente, exploraria mais essa representação de como eles se vêem no mundo e esses territórios que frequentam através de entrevistas individuais e dramatizações. E as narrativas, com as quais trabalhei em um primeiro plano, deixaria como último material da coleta de dados, pois as crianças estariam mais à vontade para sua realização.

PARTE III
PERSPECTIVAS FUTURAS

PERSPECTIVAS FUTURAS

Não está ao meu alcance planejar o futuro sem antes lembrar o meu passado e viver o meu presente. Como diz a música de Almir Sater, Tocando em frente, "...cada um de nós compõe a sua história, cada ser em si carrega o dom de ser capaz...". Escrevendo o memorial, muitos pensamentos vêm a nossa mente. Um dos pensamentos que floresce é quem eu sou e quem eu quero me tornar. Visto que não somos "prontos e acabados". As mudanças fazem parte da nossa vida, desde o nascimento até nossa morte. No entanto, até nossa morte pode-se construir a identidade da forma que você encontre a si mesmo.

Até o momento tenho essa como uma certeza, o que somos só depende de nós, pois nem minha mãe, nem meu pai, nem ninguém, em minha juventude, disseram-me estude, curse um ensino superior. Mas acredito que esse pedido estava em pensamento. Que as palavras não saíram por medo de saber que não seria possível ou porque a situação não fazia parte da vivência dos mesmos. Mesmo assim, eu retomei meus estudos. Hoje, diante de quase sete anos cursando Pedagogia, não desisti diante dos desafios e dos ventos contrários, nem vou desistir.

Diante de um mundo que não oferece muitas opções para nosso desenvolvimento como pessoa, precisamos ir em busca, nada "cai do céu". Em todos esses anos no caminho da Pedagogia, acredito estar no caminho certo, pois estou fazendo o que amo, é um amor que vem lá de dentro, do fundo do coração. Neste percurso, muitos foram os planos desfeitos, decepções, mas é claro que houveram muitas vitórias.

Um objetivo que tenho é continuar atuando como professora e se tudo der certo e Deus permitir passar em concurso público para garantir mais estabilidade financeira para minha família. Mas um segundo objetivo que tenho é fazer a diferença, não apenas seguir o sistema. Acredito na força da dedicação, onde só assim, dedicando-se, dando o seu melhor, você consegue atingir seus objetivos.

Este trabalho representou um significativo passo para a realização de um sonho pessoal e profissional. Pois pesquisar a respeito da formação de identidade, da formação do eu, transparece o quanto é importante o papel do professor neste processo.

Neste período de pesquisa e leituras referentes ao Psicodrama e Formação de Identidade, pude perceber possibilidades de o indivíduo reconhecer o seu eu na sua matriz de identidade. E como é possível resgatar características de suma importância para a formação do sujeito, como a espontaneidade e criatividade.

Gostaria de poder falar a muitos professores, não ensine por ensinar, ou não ensine de qualquer jeito, as crianças precisam de nosso compromisso profissional, ensine e aprenda junto com elas. Não faça Pedagogia porque é a única opção, busque outras opções se o seu coração mandar.

Diante dos trabalhos das crianças, de suas narrativas, desenhos, mapas, muitas vezes percebeu-se a falta de motivação, a falta de amor e carinho pelo que estavam fazendo. Consequência talvez, de sementes plantadas sem amor. Diante de suas memórias curtas, poucos foram os acontecimentos que ousaram em narrar, pois talvez tiveram pouco significado ou quase nenhum em suas vidas.

Não tenha pressa, viva cada momento. Aproveite cada oportunidade. No final do ano de 2016, recebi um convite da minha coordenadora para lecionar em uma sala de Infantil III, desde então venho acreditando que tudo isso é fruto da minha dedicação e do amor que tenho para com as crianças.

Mesmo que seu trabalho seja de formiguinha, mas bem feito, prossiga. Termine com mais um pedacinho da música de Almir Sater, "... ando devagar porque já tive pressa e levo esse sorriso porque já chorei demais. Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe, só levo a certeza de que muito pouco eu sei, nada sei...". Não tenha pressa, tudo o que for semeado e regado com muito amor, muitos frutos nascerão.

Você professor, tem a necessidade de estar em constante formação, você não é detentor de todo conhecimento, temos espaço suficiente para sempre aprender algo novo. Você não imagina quanto podemos aprender com uma criança...

"Educar a mente sem educar o coração, não é educação."

Aristóteles

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO CIDADE ESCOLA APRENDIZ. Bairro- Escola passo a passo. São Paulo, s.d.
- BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOHRER, Graziela Rodrigues. Dispositivos socioeconômicos na pedagogia de grupos socioeducativos. 2012. XII, 152 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) Brasília: UNB. Universidade de Brasília, 2012.
- BOSI, E. Memória e sociedade. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- DINIZ, Gleidemar J. R. Fontes de criatividade no psicodrama pedagógico e nos jogos dramáticos. São Paulo: 1999.
- DURKHEIM, Emile. Sociology and Philosophy, 1953, p.37. In: GOFFMAN, E. A representação do Eu na Vida Cotidiana. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 27.
- FLORENCIO, S. Z. Memória educativa e psicodrama como dispositivos pedagógicos complementares. Trabalho de Conclusão de Curso. Brasília: UnB. Universidade de Brasília, 2015.
- GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOFFMAN, E. A Representação do Eu na Vida Cotidiana. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GOUVEIA, Maria Júlia Azevedo. Educação integral com a infância e juventude. In: Cadernos CNPEC/Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária, Educação Integral, nº 2 (2006). São Paulo: CENPEC, 2006, p. 77.
- MENEGAZZO, Carlos M. Magia. Mito e psicodrama, 1994. In: DINIZ, Gleidemar J.R. Fontes de criatividade no psicodrama pedagógico e nos jogos dramáticos. São Paulo: 1999, p. 18.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social. Teoria, método e criatividade. 18º Ed. – Petrópolis: Vozes, 2001. ‘
- MORENO, Jacob L. Psicodrama. São Paulo: Cultrix, 1975.
- MORENO, Jacob L. Psicodrama. São Paulo: Cultrix, 1978.
- MORENO, Jacob L. O teatro da espontaneidade. São Paulo: Summus, 1984.
- PARK, Robert E. Race and Culture, 1950. In: GOFFMAN, E. A representação do Eu na Vida Cotidiana. Petrópolis: Vozes, 2002, p.27.
- PERRONI, M. C. Desenvolvimento do discurso narrativo. Campinas, 1983.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Programa Mais Educação: gestão intersetorial no território. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2009, 1ª edição.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva, 1987.

ANEXO A - Transcrição das narrativas

Narrativa 01

Eu fiz seis anos dia vinte dois de setembro de dois mil e dezesseis e eu nasci em dois mil e dez no dia vinte dois de setembro. Eu gosto do meu cachorrinho Lazo, com LO no final e da minha irmã. **Quem mora na sua casa?** Minha mãe, meu pai Gustavo de Souza, minha irmãzinha Maria Gabriela, meu cachorro e meu irmão Guilherme de 13 anos, meu irmão mais velho e eu sou o irmão do meio, e eu acho que a minha vó vem me visitar no momento. **Onde a vovó mora?** Não muito longe, lá na Asa Norte. Eu gosto de passear lá, e eu vou na brinquedoteca do Park Shopping, eu também gosto de ir ao cinema, eu gosto de assistir filmes de super-heróis. **Você mora aqui em Águas Claras?** Eu moro na rua quatro sul, Pedras Claras, 13, apartamento cento e cinco, andar um. Eu antes daqui eu estudava no Ipê. Eu tinha vários amigos lá, aí eu também gosto muito de assistir desenho e de brincar, eu gosto muito da minha irmãzinha Maria Gabriela, ela não tem nem um aninho, ela tem cinco meses, ela já toma, ela já toma suquinho e come. Eu também, eu também, eu também, eu também gosto muito daqui. **E o que você aprendeu aqui na escola?** Eu aprendi música, inglês, educação física, capoeira e eu estudei bastante a matemática e as outras coisas. **E o que você aprendeu na aula de música?** Muitos instrumentos e também eu toquei música. Eu gosto muito daqui eu eu até, eu até, eu até faço um monte de coisa na capoeira legal, até na educação física, na aula e na aula de música e na aula de educação física, eu gosto muito, a minha aula preferida é aula de música, lá na minha casa eu vivo, eu gosto muito de lá, é muito legal lá, eu sempre assisto tevê lá quando eu chego da escola, eu sempre chego e vou para tevê, eu gosto muito de lá. **O que você vê na tevê?** Eu gosto de assistir Cartoon, Michelodon e Discovery Kids e do Gooble, eu gosto de vê uns canais de pesca. **Você gosta de pescar?** Um dia eu já pesquei, eu pesquei o maior peixe. **Aonde você pescou?** De férias no Cabugi. Eu fiz um amigo chamado Augusto e a gente brincou muito lá, a gente chupou um monte de picolé, a gente foi até na piscina, a gente até foi no mirante. **Como era mesmo o nome do lugar?** Cabugi, era um hotel fazenda, a gente andou até de charrete lá, eu, ele, andou de cavalo, eu também lá, também teve uma festa no salão de festas, a gente almoçou junto, todo dia a gente almoçou e lanchou junto. Aí a gente ficou junto todo dia aí eu fui embora segunda, ah o domingo aí eu, eu gostei muito de lá, foi muito legal eu também fui na brinquedoteca e eu sempre gosto de visitar minha vó e a minha vó também gosta de me visitar. **A vovó mora onde mesmo?** Na Asa Sul, não na Asa Norte, eu moro na Asa Sul. **Você tem mais alguma história para me contar?** Ah, eu durmo num beliche, na cama de cima. **E você não cai?** Não, tem uma rede que me protege. **E quem dorme embaixo?** Meu irmão mais velho. Minha irmãzinha dorme no berço, ele só dorme embaixo só para o beliche não quebrar. **Sua irmãzinha dorme no seu quarto ou no quarto da mamãe?** Não, no quarto dela, eu também tenho uma cama lá, para quando minha vó vem ela dorme na cama do quarto da Maria e eu durmo no beliche. **Me fala o que você aprendeu na escola ou em casa até agora?** Em casa eu aprendi eu fiz aulas de inglês em casa eu tenho

um aplicativo de inglês. **Que palavras você sabe em inglês?** Tipo Space, espaço e também tipo bool, bola, foot quer dizer pé, é que nem futebol quer dizer pé e bola. **Você vai estudar onde ano que vem?** No La Salle. **Você lembra com quantos aninhos veio para essa escola?** Com quatro. **O que você mais gosta aqui na escola?** Da aula de música. Aprendi vários instrumentos, eu gostei muito disso, teve até tapetes e eu fiquei junto com meu amigo Henrique eu também gosto muito do meu amigo Henrique e da Isabela e do João Gabriel e do João Lucas e do Lucas eles são meus melhores amigos. Um dia o amigo do meu irmão ele pediu para gente cuidar do cachorro dele, o nome dele é Padauã, ele é filhote. **Que raça?** Het, o Lazo é um Schnauzer. **Você sai para passear com seu cachorro?** Não é meu irmão maior. **Algum dia você já passeou com ele?** Quando minha vó estava lá aí o Guilherme desceu com vovó, aí eu desci com ele, aí eu fui junto.

Narrativa 02

Era uma vez três porquinhos e eles construíram três casas, um de tijolo, outro de madeira e de palha. Então, três porquinhos, o de palha terminou sua casa e aí e o lobo mau soprou a casa dele e aí o porquinho saiu correndo para outra casa do outro porquinho e o lobo mau assoprou a outra casa do porquinho e depois ele assoprou a casa do outro correu pra outra e ficou para cama dele fechou a porta antes e depois o foi na chaminé queimou acendeu o fogo os três porquinhos e depois o lobo mau caiu pegou fogo na dele e saiu pipocas pipoca. Eu gosto de jogar cartas de Pokémon com minha mãe e eu. **Quem mora na sua casa?** Minha mãe, meu cachorro Junel e o meu peixe e o meu pai. **Você tem irmãos?** O meu irmão vai nascer ainda está na barriga da minha mãe. **É menino ou menina?** É menina. **Como vai ser o nome?** Eu não me lembro. **Qual o nome do papai?** Marcos. **E da mamãe?** Cristiane. **Como é mesmo o nome do seu cachorro?** JUNEL! É porque é menina. **E você gosta do seu cachorro?** O meu peixe se chama Spike. O outro morreu, o meu outro morreu, o outro era Scoob. No outro dia eu vou comprar um cachorro para mim e um gato. **Você gosta de animais?** Eu vou comprar uma galinha, um gato e mais um cachorro porque a Junel não gosta de colinho. Só um pouco que ela gosta. **Ela é grande?** Ela tem cinco anos ela gosta só um pouquinho de colinho. Se mexer na ração dela ela fica brava. Conta uma história que aconteceu com você. Eu fico na minha casa brincando e quando tem aula eu fico com a Shirley. **Quem é a Shirley?** Ela cuida de mim quando meu pai tão trabalhando. **E o que mais a Shirley faz lá na sua casa?** Ela limpa a casa e deixa eu mexer no celular. **No celular dela? E o que faz com o celular dela?** Jogo. **Ela tem bastante joguinho?** Só um pouco. **E o que você aprendeu aqui na escola?** Eu aprendi que não pode brigar no trânsito.

Narrativa 03

Era uma vez chamada é Branca de Neve depois ela foi uma bruxa entrou e adormeceu ela e depois ela foi embora e depois ela foi para casa e depois ela foi casar. **Com quem?** Com o príncipe. E depois ele foi embora. E depois ela foi embora também e foi para casa e ela saiu e depois ela foi embora. **Conta uma história para tia que aconteceu com a Amanda...** eu tava em casa aí eu machuquei meu joelho, machucou e doeu. **Como você machucou?** Na grade na

minha mãe. O meu pai botou a faixa depois eu fui dormir depois eu fui para casa. **Você foi no hospital?** Foi. **E o médico botou a faixa?** Não botou, porque meu pai só meu pai e depois ele foi falar com eu cocei o olho e o cachorro me mordeu. **Qual cachorro?** O da minha dinda. Doeu, sangrou. **Machucou seu olho com a unha?** Não com a mordida. **Ele é grande?** É! **Como é o nome dele?** Não sei. A minha mãe levou no HB e depois eu foi embora. **Levou você aonde?** No hospital. Aí eu foi embora para casa. **Melhorou?** Só foi embora para casa. **Quem mora na sua casa?** A minha mãe e minha vó, minha vó tá limpando, forrando, ela tá passando roupa. A minha irmã entrou um bichinho aqui no ouvido dela e depois ela a minha irmã tentou ir no médico tirar o bichinho. Minha irmã tava com febre. Aí uma formiguinha entrou aqui. Aí o médico tem que olhar para tirar. Aí depois a minha foi embora. **Então na sua casa mora você, sua irmãzinha... como é o nome dela?** Bianca. **Ela tem quantos aninhos?** Cinco anos. **A vovó vem visitar você?** Ela mora longe. Ela visita e depois dorme em casa. **Você gosta da vovó? Como é o nome dela?** Ana Cátia. **O que você gosta aqui da escola?** Eu estudo. **O que você gosta de fazer aqui na escola?** Brincar e depois ir para escola. Eu não gosto de comida não. **Por quê?** Porque eu comi tudo. **Que comidinha você gosta?** Arroz, feijão. Depois eu foi para casa.

Narrativa 04

Não sei nenhuma. Não sei nenhuma. Eu já viajei com a minha mãe e meu pai. A gente foi lá em Florianópolis. A gente foi um dia no Beto Carreiro e a gente também foi na praia e tinha uma piscina tinha três piscinas duas de lá de fora e uma do lado de dentro. E a gente ficava num hotel que cada um tinha seu quarto. E para entrar tinha que ter um cartão. E a gente ficou no andar cinco a gente ficou só sete dias lá. **E você gostou?** Eu queria ficar mais dias lá. **Você gosta de praia?** Gosto. Eu também ganhei um pato e uma bonequinha lá. O pato foi o primeiro que eu ganhei lá. **Como é esse pato?** O nome do patinho é Duck. O nome da bonequinha ainda não o nome dela é chapeuzinho vermelho. É porque ela tem uma roupinha vermelha. A gente teve que pegar dois aviões para ir pra lá. Primeiro a gente foi por São Paulo e depois por Florianópolis. E demorou bastante pra gente chegar lá no hotel. **Por que demorou?** É porque era longe. **Tinha trânsito?** Tinha. Minha mãe também trocou de carro quando a gente chegou. Porque o carro já tava muito velho. **Quem mora na sua casa?** Minha mãe e meu pai. Minha tia foi para outra casa. **Sua tia morava com você?** É, minha tia também tem um gato lá. Ele é muito danado. **Como é o nome dele?** Jorge. **Você gosta dele? Brinca com ele?** Um dia ele já me arranhou assim na perna assim. Mas doeu e minha vó foi cortar a unha. E outro dia ela também já foi agora pra lá. Mas ela volta outro dia. **A vovó mora perto?** Não mora lá em São Luís. Mas ela tem muito gato lá. E eu sempre quis que ela morasse aqui. **Por que?** Porque eu tenho só uma vó aqui. **Qual é a vovó que mora aqui?** A mãe do meu pai. Eu tenho bastante primo aqui. Eu tenho dois priminhos bebês uma da menina lá de São Luís e um daqui que é um menino. Eles fizeram aniversário no primeiro desse mês. Os dois a que a minha irmã que ela fez dez anos e meu primo ele fez três anos. **O que você gosta aqui da escola?** Fazer aula. **Aula do que que você gosta?** Acho que é só aula. Da hora do lanche também. No almoço como dois pratos. **Você lembra de alguma coisa que aconteceu com você aqui na escola?** Eu já machuquei meu joelho. É que eu tava indo lá pra fila e parece que alguém me derrubou. Que eu caí assim e machuquei o joelho já machuquei naquela descida lá

que eu caí dentro de um buraco lá eu machuquei muito o joelho esse daqui ó. **Qual é esse joelho?** Ele machucou muito. **O direito ou o esquerdo?** Esse daqui. O direito. **E você foi na enfermaria?** Foi. E depois já aconteceu uma picada aqui ela tava inchando muito. **O que foi que picou?** Uma muriçoca. Eu tenho alergia a picada de bicho. Eu também tenho alergia a corante e camarão.

Narrativa 05

É porque eu cantei parabéns aí depois eu quis brincar com os legos aí depois a Sofia tava na frente aí eu quis passar e tava com o dindim na boca segurando o lego e depois eu consegui andar aí depois eu quis saí de lá pra ir pra festa a Sofia tava lanchando e não dava tempo aí depois eu caí né aí depois eu sentei. Aí depois eu comi um dindim aí depois eu cantei parabéns aí depois a gente brincou com a Helena e com o João Lucas que eles ia se casar só que a Helena nem gostou. Aí eu chego na minha casa aí agora eu vou de van. Aí depois eu chego em casa eu vou direto pra brincar aí depois eu tomo banho aí depois eu vou nos lugares pra brincar aí depois eu durmo e venho voando pra escola aí quando chegar o dia das crianças que já tá perto e também tá perto do meu aniversário. **Quando é seu aniversário?** Depois do aniversário do João Lucas. **E você sabe o dia?** Sei, depois do aniversário dele. O aniversário dele foi do super homem. **Você vai fazer aniversário aqui na escola também?** Não vai ser em casa. O meu tema vai ser da liga da justiça. Sabia eu fui lá no rancho Canabrava aí depois demoramos um pouquinho pra chegar aí depois quando chegou a gente almoçou aí minha mãe pegou o almoço eu comi o dela aí ela comeu o meu aí quando eles comia eu brinquei no parquinho aí depois eles comeram um doce aí depois a gente foi andar de cavalo. Eu tava vendo ali aí meu pai sentou no cavalo o cavalo nem aguentou aí essa parte foi muito engraçada minha mãe até riu porque esse cavalo era um pouquinho grande só que não aguentava meu pai é um pouquinho gordo aí depois a gente quando foi andar de cavalo aí a gente deu uma volta eu vi um boi aí depois a gente voltou aí o carro andando voltou ele foi correndo aí tinha um cavalo que eu quis andar nele aí aquele a mamãe falou que aquele cavalo era bravo. **Você ficou quantos dias lá?** Foi algumas semanas aí depois eu viajei eu fui pra Caldas Novas aí eu tava bem pequenininho aí eu botei um boné aí depois eu fiquei com aí eu ganhei um boi de brinquedo de cofre aí eu fiquei segurando e nem quebrei aí depois a gente foi a gente entrou nas Caldas Novas aí meu pai se segurando comigo numa bóia aí ele entrou no túnel aí caiu no mar, caiu na piscina. Aí meu pai encontrou um amigo dele que ele morava lá em Caldas Novas aí esse cara tinha uma filha, dois filhos. É eu gostava dele tinha uma mulher e a casa dele era bem bonita era perto da piscina. Aí depois eu fui dormir. **Você viajou de carro ou de avião?** De carro. Só que é um pouco devagar. É porque tava acabando o óleo. **Quem mora na sua casa?** Mora a moça que cuida Fran, minha mãe, meu irmão e meu pai. **Como é o nome da mamãe?** Keila. **E do seu irmão?** Nicolas. Ele tem meses, ele já tem cinco. **E o nome do papai?** Jovane. Tinha um dia que eu fui pra piscina aí veio minha vó aí as amigas da minha mãe e os filhinhos da amiga da minha mãe aí a gente foi na piscina aí a minha vó só que ela anda de cadeira de roda e ela quebrou esse braço aí depois ela foi nadar na piscina aí depois todo mundo foi até eu só que eu preciso usar bóia. Aí ela aquela bóia eu tinha usado uma bóia só que ela furou aí meu pai comprou outra nova pra mim ela é do homem aranha. Você tinha a da cintura e agora você ganhou a de colocar no braço. **A do braço é melhor para nadar né?**

Não é tão melhor porque fica apertando o braço. **Você gosta de nadar?** Aham. Aí também tinha um dia que a gente fez churrasco na piscina aí depois aí eu aí veio meu vô minha vó depois veio minha tia meu tio minha dinda, a Bibina, também veio os primos, a Sara, o Daniel aí depois todo mundo foi lá aí todo mundo comeu carne e ficou lá até a noite aí depois a gente foi eu ia nadar um pouco eu ia comer na piscina aí depois eu fui lá pegar um pouco de sorvete aí eu comi na piscina eu não conseguia comer que tava molhado. **Foi legal este dia?** Meu pai fez até churrasco. **Papai sabe cozinhar?** Sabe, meu tio também. Moro num prédio tinha um monte de cachorro. O meu pai ele não gosta de cachorro e um dia eu dormi na casa da minha tia aí eu não voltou aí o cachorro pulou em cima de mim e avanço e depois me arranhou. **E você, gosta de cachorro?** Aham, aí eu gosto e ficava lá na portaria de noite aí tinha uma câmara lá aí ele viu. Aí ele falou que era bofi. Ele era de umas meninhas, é aquele que usa lacinhos.

Narrativa 06

Oh tia explodiu uma bomba na minha casa. **Sério?** Tô brincando. É eu um dia fui lá onde tem um monte mais um monte um monte de piscina tinha uma quentinha tinha uma fria fria fria quentinha quentinha a quentinha é onde tinha muito xixi. Então mas naquele dia tinha ondas assim tinha umas coisinhas que fazia onda que era mó legal entendeu aí ele só ficava lá só ficava lá. Entendeu? Depois a gente mudou pra outra coisa. **Foi um passeio?** Foi um passeio de avião. Assim ó ommmm. Eu esqueci, mas foi muito. **Você lembra o nome de onde você foi?** Não, mas foi muito tempo. Foi rapidinho. Não, demorou. A gente chegou de noite aí assim a gente passou acho que a gente tinha que dormir não a gente não dormiu mas eu lembro que a gente tinha que sair de lá de noite. Depois e lá tinha você sabe aquelas baratas que sempre tem nos lugares nos apartamentos então lá tinha mas aí a gente falou pra algumas pessoas limparem e eles limparam não tem mais nada. Porque assim as vezes tinha besouro que entrava no meu ouvido os besouros entravam nos meus ouvidos as vezes entendeu e eu ficava assustado assim e um dia entrou no meu ouvido assim eu não tava dormindo e você sabia que existe um besouro que vê você de noite assim um besouro que consegue te vê mesmo que se você tá com a janela trancada ele consegue te vê ele tem algum não sei mas ele eu acho que eles que fiz isso em mim eu acho. **Será que foram eles que machucaram sua mãozinha?** É também tem em outros lugares tem na minha cocha e tem no meu pé isso daqui tá crescendo no meu corpo inteiro entendeu. Foi ontem que cresceu do pé. Tá crescendo muito rápido. **O que o médico falou para você?** Falou que é normal só precisa não colocar mais os remédios só passar nada de remédios só esperar quatro dias que eu vou lá na cirurgia tirar um pouco dessa pele daqui ó. **Você vai fazer um exame?** É não não é um exame é um exame de tirar uma pele daqui ó só. O médico disse tá bom também que quando que fazer isso vai ter que esperar acho que depois ele falou que isso é normal também aí depois ele falou outra coisa que assim quando que dormir tinha uma doutora um monte de dias que passou essa e tinha que passar aquele remédio que não que o doutor disse que não era para passar então a gente passou, passou, passou e tava diminuindo e depois agora tá voltando crescer mais ainda tá ficando mais grande ainda entendeu e todo mundo tá ficando assustado entendeu mais daí. **Mamãe tava preocupada?** É Meu pai meu pai fica mais é mais aí eles nunca ficaram mais preocupados por causa que a pele já tá baixando. Eu acho que se você cortar um pouquinho vai melhorar mais

ainda eu acho. E eu tenho nossa essa história vai demorar tanto mais tanto é por causa que um dia eu fui lá na casa do meu vô de carro você sabe o quanto que demorou pra chegar lá não tem jeito tem que chegar de avião lá porque demorou pra caramba quase que eu vomitei eu vomitei vomitei por causa que não aguentava mais o carro balançando a gente tinha assim três dias de andar de carro não quatro quatro dias. **Onde ele mora?** Lá onde tem aquela praia mas não é no Rio não é onde que tem uma praia entendeu. Onde que tem só uma praia e de aniversário ele me deu uma prancha e aí tomei um caldo em cima de mim assim ó eu me afoguei eu bati com a cabeça eu saí assim. Quando eu consegui colocar minha mão na prancha eu aprendi uma coisa você não deixar assim se não a prancha se não a onda vem vindo na prancha e se eu tiver assim vai virar pra trás e a onda me leve junto assim. Eu tenho que deixar deitado ou virado pra cá entendeu? **Quem mora na sua casa João?** Meu pai eu não eu sou primeiro meu pai minha mãe minha vó e eu. **A vovó mora com você?** Não a vovó mora lá no Rio. **E ela fica na sua casa de vez em quando?** Não ela tá na minha casa até hoje amanhã amanhã amanhã... sempre entendeu? **Por que ela fica na sua casa?** Para fazer comida pra mim porque eu não consigo eu não posso chegar perto do fogão eu já me cortei com a tesoura no dedão. Mas já passou já. **Mas o que você foi fazer com a tesoura?** Eu ia se cortar eu ia cortar um papel sem querer eu não vi e cortei o dedo mas foi tão feio e foi assim ó desse tamanho aqui. Doe pra caramba. Um pouquinho de sangue. Eu tentei esconder do meu pai e da minha mãe pra eles não ficar assustado mas um dia machucou aqui no pé né quase que arrancou minha unha. Eu tava viajando entendeu eu tava viajando lá pra um que tinha piscina só duas piscinas uma fria uma quente. **Você machucou dentro da piscina?** Não fora eu arranhei numa pedra bem grossa. Entendeu?

Narrativa 07

É teve um dia que esse final de semana aí eu e minha família foi no cinema aí tinha pipoca banquinhos pra criança sentar né pra ficar mais alta pra assistir o filme. **Você lembra o nome do filme? Você gostou do filme?** Foi legal. Eu fui com minha família inteira. O meu papai a minha mamãe a minha irmã. **Que idade tem sua irmã?** Tem dois anos. **Como é o nome dela?** Laura. Foi meu papai minha mamãe minha irmã e eu. **A Laura come pipoca?** Come. Já fala, já anda. **Depois do cinema vocês fizeram o que?** Aí depois do cinema a gente foi lá na padaria aí a gente lanchou e foi pra casa. **Você tem alguma história para contar para a tia? Como foi o aniversário hoje?** Foi bom. Tinha salgadinho, bolo de chocolate, bolo de aniversariante de chocolate tinha brigadeiro. Quem estava de aniversário. O meu amigo. **Como era o nome dele?** João Lucas. **Quantos anos ele fez?** Seis. **E o que mais teve no aniversário?** Teve suco de uva. Teve pão de queijo que eu gostei, teve enrolado de salsicha que eu gostei. **Quem vem visitar vocês? A vovó vem?** Vem, ela mora lá na casa da minha tia. **Aqui em Brasília?** É. **O que você faz para ajudar cuidar da irmãzinha?** Eu brinco com ela. **Tem alguma história ou música que você gosta?** Eu sei várias músicas. **Você lembra de alguma música?** Tem uma que eu lembro mais tem outras que não.

Narrativa 08

Meu nome é S.O.C. e eu tenho cinco anos daqui a pouco eu vou fazer seis em outubro no meu aniversário eu vou tá viajando e a minha história que eu inventei é a menina e o vento era uma vez uma menina cega que na escola dela se chamava Arara Azul e uma vez ela tava dormindo e apareceu um cisco no olho o pai e a mãe dela levaram ela no hospital e o médico disse que foi uma inflamação no olho dela de uma coisinha a menina falou pro médico que tinha um buraco lá na sala dela a menina desde então tomou uma providência a tia dela que era costureira pediu tia faz uma coisinha pra eu tapar meus olhos enquanto eu durmo a tia vez no dia seguinte a tia deu a coisinha de tapar os olhos e então a menina não passou mais mais um dia uma pessoa cinza que a menina não podia ver cortou um pedacinho... **do olho?** Não, um pedacinho daquela coisinha pra tapar os olhos. Aí depois no dia seguinte ela tava dormindo e uma coisinha entrou no olho dela ela tava coçando quando as pessoas acordaram e o malvado foi, pela janela da sala. O médico ficou muito confuso. A menina viu que tinha algum furado, ela não sabia quem fez isso. A mamãe e o papai a titia dela disse eu não furei nada então a menina foi no médico e disse médico eu pedi pra minha tia fazer uma coisinha pra tapar meus olhos enquanto eu durmo mas um dia alguém furou e não foi minha tia um cisco entrou o médico viu bem espremidinho os olhos e quando ele percebeu não era nada. Foi só um sonho. Ainda bem que você é cega então não teria nenhuma coisa branco é que você vê e a coisinha é claro que era branco mas você não passou nada por isso que cortou porque você tava sonhando mas não existe nada nadinha mesmo e todos viveram felizes para sempre. Fim. **E você tem alguma história para contar que aconteceu com você?** Teve uma vez que eu tava aqui tava passando álcool na minha mão com a minha amiga Ana Paula lá naquele banheirinho do Infantil V aí sem querer ela espirrou álcool nos meus olhos e aí a mamãe no dia seguinte viu que o meu olho tava infamado a noite quando eu tava em casa aí a mamãe me levou no médico pra ir embora na hora da escola e eu não fui pra escola só a Juju. É aí eu tive que ficar em casa eu achei que ia demorar muito pra mamãe me buscar mas quando a gente voltou a gente tinha que sair bem rapidinho só deu pra eu ver um pouquinho de desenho e teve outra vez no meu aniversário que eu tava comendo batatinha frita com minha mãe meu pai minha irmãzinha e o meu tio aí meu pai eu tava abrindo a tampinha do catchup e espirrou nos meus olhos aí meu pai teve que me levar no banheiro do Macdonads pra eu lavar aí quando eu sentei tava ardendo mais aí meu pai teve que me levar de todo foi uma aventura bem legal. **Aí você voltou para casa?** Não, acabei de comer acho que a gente tomou um sorvetinho antes porque agora minha irmãzinha não pode tomar sorvetinho do macdonads porque tem leite ela não pode comer leite lactose. **Qual o nome da sua irmãzinha?** Júlia, ela é desse tamanho. **Quantos anos a Júlia tem?** Três. Ela estuda no infantil da tia Cláudia. **Quem mora na sua casa?** A mamãe, o papai, as vezes a gente tem férias a mamãe e o papai vão trabalhar mas a mamãe ela não vai trabalhar porque ela tem um curso de acupuntura uma vez que a vovó tava lá em casa e a mamãe pegou uma vela e um paninho bem duro só um paninho bem duro pôs fogo e vovó deitou assim aí depois foi a vez da Júlia aí minha vez e ela tirou uma sujeirinha aqui eu tava vendo a Bella, a mamãe disse que a vovó já tinha dormido quando a gente fica lá com a vovó eu posso ficar pulando, brincando com a minha irmãzinha no sofá cama que ela dorme e agora ela tá dormindo lá no sofá da sala foi bem legal. Ela sempre cuida da gente quando a

mamãe tá fora pra ela viaja lá de Goiânia até aqui. Sempre fica lá em Brasília e a mamãe busca aquelas coisinha ela fica fora. **A mamãe viaja?** Não, ela fica em Brasília e faz curso de acupuntura. Coloca agulha aqui, aqui e aqui. Ela também põe velinha aqui no ouvido nos dois fica alguns minutos tem que ter um certo, tempo exato e aí ela tira, tira uma sujeirinha com cotonete é bem legal minha mãe. **Onde você mora? Em Águas Claras? Mora em casa ou prédio?** Aham. É, eu fico com meu pai as vezes e domingo da mamãe me leva e me busca aí a gente também meu pai me leva e me busca aí minha casa tá ali aí a gente vai vira um pouco aí tá a escola, moro bem pertinho. **Você mora em prédio ou casa?** É um prédio. Só minha amiga que mora em casa e a minha amiga Amanda porque ela tem um cachorro que uma vez o cachorro advinha a gente usa pra enxergar ela não usa óculos e também é peludo e também tem dentes muito grandes foi no olho aqui. O cachorro mordeu ela no olho.

Narrativa 09

Ontem eu levei uma bronca por causa que eu queria rasgar meu casaco da escola eu cheguei em casa tava de castigo não podia ver tv, brinquei, desenhei. **Por que você queria rasgar seu casaco?** Porque eu não gostava muito do casaco na escola e ele era um pouco sabe aqueles negocinho assim ele não é macio. Eu vim com outro casaco da moranguinho que ele é super macio, cor de rosa, na fila da escola eu brinquei de super herói com o Pedro mas a gente não se mexeu eu tinha o poder eu era super strawberry porque eu tinha o casaco da moranguinho né dou. **Strawberry, o que significa?** Morango em inglês. Eu cheguei em casa, eu, eu, eu almocei, fui pra casa e dormi um pouco porque eu tava chorando muito e fim. **Por que você tava chorando?** Porque eu tava de castigo. Fim. **Quem mora na sua casa?** Minha mãe, meu pai e minha irmã. **Quantos aninhos ela tem?** Dois. O nome dela é Catarina. O nome da minha mãe é Mônica ela tem trinta e sete anos, meu pai tem quarenta ele se chama Marcos. A minha irmã é um olhinho doce, eu brinquei com a minha irmãzinha de neném, ela ganhou uma mamadeira nova, ela ama mamadeira. A gente brincou de neném e médico, tomei meu leite com mucilon, escovei o dente, botei minha camisola e dormi. Fim. **Você toma leite com mucilon numa caneca ou numa mamadeira?** Não sei. Eu não tomo no bico da mamadeira né mas eu tomo. Mas não no bico porque no bico é pra neném. Sem o bico, com o canudo, pra não ficar com bigode né. **Tem mais alguma história que você quer contar para a tia?** Não, brigada. Pode ser um conto de fadas? Vai ser chapeuzinho vermelho. Espera não tô lembrando. Os três porquinhos. Era uma vez três porquinhos... não, não lembro, não sei nenhuma mais. Não lembro nadinha, nadinha. **O que você mais gosta aqui da escola?** O parque, a aula de educação física. **E o que você não gosta aqui da escola?** De fazer atividades. Porque atividades é muito chata. Só de matemática que eu gosto. A mais difícil que eu sei que é a de liga, de escrever. É muito difícil. Na verdade era pra ser fácil que fica difícil pra mim. **E o que você não gosta?** De aula de capoeira. Na verdade eu não gosto... mas eu posso falar outras coisas que eu gosto? Eu gosto de balé, minha meinha, a minha meinha é de bailarina, aham. **Aonde você mora?** Recenso Magnólia, num prédio. **Você tem amigos lá no prédio?** Tenho. Um amigo que se chama Gabriel, outro que chama Roberto, outro que chama Artur, mas ele não vai na minha casa. Ele... na verdade ele, vou te contar um segredo, não conta pra ninguém tá. Eu namoro o Artur, e também ele me namora. Ele fica sempre do meu

lado, eu também fico do lado dele, não sai de perto. **Tem mais alguma coisa para contar para a tia?** Não, obrigada.

Narrativa 10

Eu conheço uma história dos três porquinhos. Era uma vez um porquinho chamado Super Homem, o do meio era Flecha e o desse lado era o Super Homem, o do meio era o flecha, o desse lado era o Hulk. Aí eles construíram uma casa de palha, de alguma... o flecha ele construiu de tijolos, os outros construíram de palha, aí o lobo mau veio e derrubou as duas casas, mas a de tijolos ele não conseguiu e ele cansou aí ele pulou lá em cima do, ele pulou pela chaminé e o coisa saiu fogo e ele saiu pela floresta. Felizes para sempre. **Você tem alguma história para contar que aconteceu com você, na escola, na sua casa ou em alguma viagem que você fez? Como foi?** Foi massa. **Você gosta de passear?** Eu não saio de casa. **Você nunca viajou?** Não, já viajei, pra Ouro Quente, eu fui cinco dias na Bahia. Não aqui, eu esqueci tudo. **Quem mora na sua casa?** Papai, meu irmão, eu, minha mãe. **O seu irmão tem quantos anos?** Oito. Ele tinha sete, agora tem oito. Você quer me contar uma história que aconteceu na sua casa... da festa do pijama. Eu descii fiquei muito com os amigos lá embaixo aí eu subi eles cantou parabéns no meu aniversário, aí eu bati a perna. **Machucou?** Doe. Foi num lugar bem é que nem o ferro aquele lugar mas mais durão. Foi bem nessa perna aqui. **Teve que ir para o hospital?** Não, não fui. Chorei muito. Aí a gente viu titio vovô a gente viu a utopia com a cabana e o barquinho. **E o mais que aconteceu?** Só isso que aconteceu na festa do pijama. Aí o Lucas foi embora, o Enzo foi embora primeiro, o Lucas e depois o João Gabriel e depois o João Pedro. A gente dormiu fez outra coisa, fez outra coisa, fez outra coisa que eu esqueci. **Você esqueceu?** É brinquei muito por isso que eu me esqueci. **Você mora aqui em Águas Claras?** Não, moro em Brasília. **Você mora numa casa ou num prédio?** Num prédio. **Você gosta de lá?** Tem parquinho, tem brinquedoteca, tem coisas pra ver filme, dá pra ver lá embaixo. **E que filmes você gosta de ver lá?** Eu nunca fui lá, nunca, mas eu já vi, eu já entrei lá dentro com meu irmão. Não, eu já vi uma coisa, eu já vi duas coisas. **Que coisas que você viu lá?** Mas faz muito tempo eu me esqueci. Mas faz muito tempo, muitos anos atrás. **E o que você fez este final de semana?** Esse? Eu brinquei muito, eu brinquei muito na festa do pijama que eu não me lembro. **Você passou no final de semana?** Eu não passiei, não, eu fiquei brincando em casa. **Você vem para aula de manhã e a tarde fica em casa?** Não, eu venho a tarde. **A tarde você também vem para a escola?** Aham, sim. **E fica com qual tia a tarde?** A tia Li. A minha tia é a tia Lilian e uma tia que ela tá lá na sala. **Você vai para casa de van ou papai busca?** Van. Mas ninguém vai na van comigo só meu amigo Henrique, é da arara azul. **Qual o nome do tio da van?** Tio Edu. Eu vi a van do meu melhor amigo, João Gabriel. **O que você faz quando chega em casa?** Eu brinco e durmo. Aí eu acordo fica de noite, aí eu brinco e durmo de novo pra ir para a escola. **Quem cuida de você quando você chega em casa?** Meu pai e minha tia. **Sua tia mora com você?** É, minha mãe chega de noite. **A tia que cuida de você mora lá na sua casa?** A minha tia cuida, a minha tia fica lá em casa mas as vezes ela vai pra casa dela as vezes ela dorme também lá em casa. **Você gosta dela?** Eu gosto. **Qual o nome dela?** Iracema. **E ela cuida de você e do seu irmão?** Cuida, cuida, cuida, cuida, cuida de mim e do Mateus.

Narrativa 11

Acho que foi em Morro de São Paulo essa história aqui. Eu fui pra dois lugares. Fiquei dez dias. Morro do São Paulo e Boipeba eu acho. Eu fui pra uma toca lá que tinha um monte de morcego, aí a gente foi lá comer lá, a gente foi embora aí eu brinquei lá com as minhas amigas. **Você fez amigas?** Sim, eu acho que foi duas ou três. **Você lembra o nome delas?** Não. Próximo dia eu fui lá como não tava aberto lá aí eu fui subindo mais as escadas lá aí eu fui lá tinha uma corda de descer lá e qual o nome mesmo? Descia tudo lá. **Tirolesa?** Acho que é. **Você desceu na tirolesa?** Não. Ninguém, é porque meu pai não pode nessa idade aqui. Acho que só pode de sete anos ou oito. Aí eu fui embora pra casa aí no outro dia... **o que aconteceu no outro dia?** Ah, vou contar a outra história. É, aí eu fiquei o dia inteiro viajando pra Boipeba, eu viajei de barco, eu viajei de táxi, viajei de ônibus, viajei de muita coisa, avião eu acho, aí eu não sei qual que foi do Morro do São Paulo ou em Boipeba mas aí, mas aí eu fui, aí eu fui um ônibus, aí eu fui lá pra um lugar... **que lugar você foi?** É, não sei qual o nome. É aí meu pai foi lá cortar o cabelo, a gente ficou lá, aí a gente foi de volta pra casa, quer dizer a gente, a gente foi no mar também. Mas a gente, agente encontrou um monte de cachorro. **Um monte de cachorro?** É, sei assoviar. Aí chamei eles tudo. Aí eu almocei lá, aí é deixa eu ver aqui, aí a gente foi de volta pra casa, quer dizer eu brinquei com as minhas amigas lá, com outras amigas. Aí eu fui pra casa, eu comi macarronada. Aí eu fui pra casa de noite, pro hotel lá. Aí a gente, aí eu fui lá pra casa no escuro tinha uma trilha lá, que eu tinha que seguir lá. Aí o nosso, a gente chegou no hotel, aí os cachorro tava tudo lá. Tinha um que se chamava Lola, ele tinha, tem um dono lá que acho que é de Boi, não sei direito qual que é mesmo, não sei como é que fala mesmo. Aí no último dia eu fiquei aí no último dia eu fui... deixa eu ver, no último dia não. Eu, eu... aí, eu fui de novo passear com aquela cachorra. Aí eu, eu fui... onde é que eu fui mesmo... fui na praia, lá no mar, depois a noite eu comi de novo, mas foi pizza eu acho. E, a cachorra ficava lá tudo esperando. Aí, ichi agora esqueci, pera. É, acho que é só. Peraí, a noite eu comi lá, como eu falei, e... aí eu fui pra casa de novo no escuro. Aí eu tinha que ir com a lanterna. **Quem foi nessa viagem?** Foi eu, meu pai e minha mãe. **Tem mais alguma coisa que você quer contar para tia?** Acho que sim, deixa eu lembrar aqui. Aí, aí, como eu tava indo embora a cachorra me seguiu até lá, o barco, até o barco. Primeiro a gente foi, um homem lá ele, aí ele foi com o carrinho de mão levando as nossas mala. Duas da de costas e também, deixa eu ver aqui, e também uma que tem rodinha. Aí, a cachorra me seguiu até o barco, aí eu fui pro barco, ela ficou lá, aí eu fiquei viajando de barco, aí eu fui lá pro aeroporto, e depois, quer dizer eu fui de barco, aí depois eu encontrei um táxi, pra levar a gente. Foi muito tempo. Em vez da gente pegar um ônibus a gente pegou só táxi. Aí eu fui pro aeroporto, aí eu ganhei um monte de coisa, ganhei um livro, ganhei uma caneta, aí eu, eu fui comer lá no Girafas, e aí eu fui pro avião, aí eu fiquei lá com meu livro, fazendo minhas coisa lá, aí eu fui colocar as malas lá naquele, qual o nome mesmo? **É balança.** Nem sei direito. Acho que é. Aí eu fui, aí eu fui pro avião, fiquei o dia todo viajando no avião, o resto. Aí eu cheguei aqui, aí eu passei pros lugares, assim, assim, assim. Aí tinha três cadeiras juntas. Aí eu fui com meu pai e minha mãe, é eu fui, aí eu cheguei em Brasília, aqui, aí eu cheguei de noite. Aí eu dormi, aí eu assisti um pouco de desenho depois eu dormi. **Você gosta da escola?** Gosto. **E o que você mais gosta da escola?** Não sei. **Você quer falar mais alguma coisa para a tia?** Não sei, deixa eu ver aqui, deixa eu ver aqui se eu lembro

mais de alguma coisa. Ah, aí como a gente tava em Morro do São Paulo, aí eu fui tomar café da manhã, aí eu coloquei a roupa, fui tomar café da manhã, aí eu comi pão, comi, eu tomei leite, aí eu fui, aí eu fui pra, lá pro hotel, que a gente come lá no hotel mesmo. Aí, deixa eu ver aqui, aí, em Boipeba a gente comia lá na varanda, mas em Morro de São Paulo eu comia em outro lugar lá, mas lá no hotel. Mas aí, eu fui trocar minha roupa, eu escovei o dente, troquei a roupa, aí fui pra praia... pera... ah eu acho que foi isso. Aí eu fui comer, aí eu fui comer no mesmo lugar de noite, aí eu encontrei com as minhas amigas, ah no outro dia eu não encontrei ela, de repente elas não apareceram, mas a gente combinou elas não apareceram não. Não sei porque. Acho que elas vieram antes ou depois, aí eu vi na loja, lá vê, aí eu toquei pau de chuva lá, tinha um pau de chuva, aí meu pai falou lá em Morro de São Paulo, quer dizer em outro lugar, em Boipeba, papai disse, meu pai disse só porque eu toquei pau de chuva lá choveu. Ele é doido. Tava lá na loja que eu toquei o pau de chuva aí eu fui lá brincar com as minhas amigas, aí eu fui brincar com as minhas amigas, me encontrei elas, aí eu fui pra casa, pra o hotel aí eu fui lá pro hotel, aí no último dia de Morro do São Paulo que a gente ficou lá, pouco em Morro do São Paulo, aí a gente foi pra, a gente foi pra Boipeba, a gente foi, a gente pegou um barco i, aí a gente chegou em Boipeba, mas pra ir e Morro do São Paulo a gente precisou pegar um monte de coisa. Pegou um barco. Aí, deixa eu ver aqui. Não sei.

Narrativa 12

Eu fui comer churrasco, lá na casa da minha prima. Eu brinquei com o meu primo Mateus. **O Mateus tem quantos aninhos?** Três, e ele estuda aqui. Mas hoje ele não veio. **Quem fez o churrasco?** Foi meu tio. **Quem mora na sua casa?** Minha mãe, meu primo, o meu bebezinho, esqueci o nome, Miguel e o meu pai. Mora meu pai, meu bebê eu e minha mãe. Quatro pessoas. **Você brinca com o Miguel?** Ele ainda não tem anos, ele fala só um pouquinho, algumas coisas. **Quantos meses ele tem?** Cinco meses. **O que mamãe dá pra ele comer?** Já dá biscoitinho, bananinha. **Você mora onde?** Em Águas Claras. **Num prédio ou numa casa?** Numa casa. Mas eu vou mudar de lá. O meu pai tá vendo se eu vou pro apartamento ou então pra outra casinha. **Como é sua casa?** Meu pai colocou um vidro lá, lá fora. Aí ele colocou sabe o que lá fora? Ele colocou uma televisão. Ah porque ficou legal, aí tem agora duas televisões. Uma de dentro e uma de fora. Uma fora, lá na área tem uma, e dentro da minha casa tem outra. **Que cor é sua casa?** O portão é verde e dentro dela, e fora dela é branco. **Você tem um quartinho?** Não, meu, do Miguel e da minha mãe. Três quartos. Aí minha mãe não gosta de dormir com meu pai porque meu pai é atrapalha minha mãe dormir porque ele ronca demais. Empurra o pé pra cá, pra lá. Não, aí meu pai dorme comigo, aí minha mãe dorme com meu irmão Miguel, que meu irmão Miguel não dorme lá no berço dele. **O que mais você fez final de semana?** Só. **Você gosta da escola?** Eu comi batata. **Aqui?** Não. Eu comi gelatina e doce de leite. **O que você já aprendeu aqui na escola?** Hum, não lembro. **Você sabe escrever o seu nome?** Uhum. **E o que mais você sabe?** Só. **Desde quando você estuda aqui?** Não estudo não. Eu tinha quatro anos e ainda eu estudava aqui, agora eu tenho cinco anos, fiz cinco anos aqui na escola, eu fiz meu aniversário aqui. Foi da minie. Lá tinha brigadeiro, tinha lembrancinha, tinha um monte de coisa. Aí minha mãe, aí eu falei, aí eu esqueci de falar com a minha mãe, com é, guardar um docinho pra mim, aí acabou, todo mundo levou. Tinha balão. **Você ganhou presentes?** Ganhei a Sofia, a princesinha Sofia.

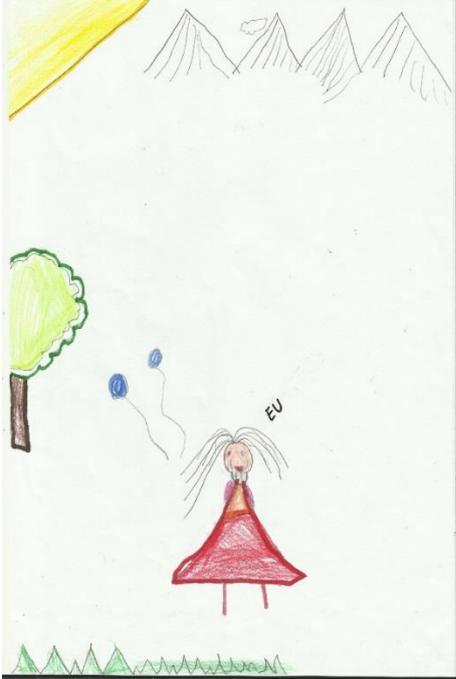
Você brinca com ela? Mas eu já dei. **Por que?** Dei pra minha tia, pra tia Lu. Mas você queria dar pra tia Lu. Não, mas minha mãe deu. Eu não gostei que ela deu. **Do que você gosta de brincar na sua casa?** Só. **Você brinca com quem?** Sozinha. Só. Eu gosto de ficar sozinha. **Por que?** Porque sim. **Você gosta de brincar com os amiguinhos?** Aham. **E no dia do brinquedo sabe o que eu trouxe?** Eu trouxe uma máquina de mercado. **Quem deu a máquina de mercado para você?** Foi no dia das crianças. Minha mãe já deu meu presente. **Como brinca com essa máquina?** Tem dinheiro, tem dois cartões, tem um microfone. **Por que tem um microfone?** Só pra falar. **Brincou com quem aqui na escola?** Com o Gabriel e com a Isabela, e a Isabela já chegou. E prontinho.

**ANEXO B –
Autorretrato**

01



02



03



04



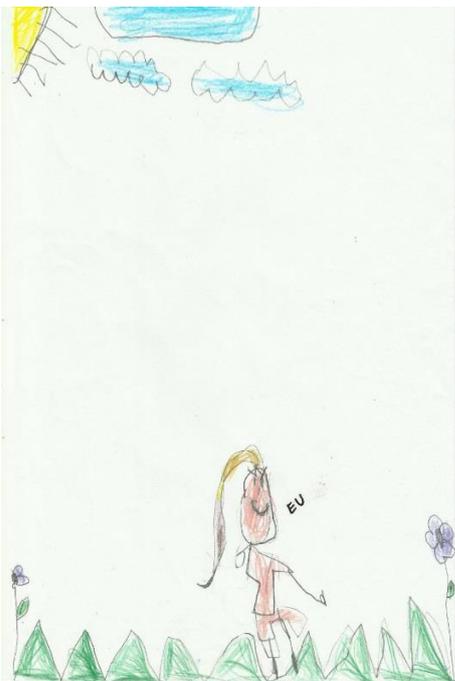
05



06



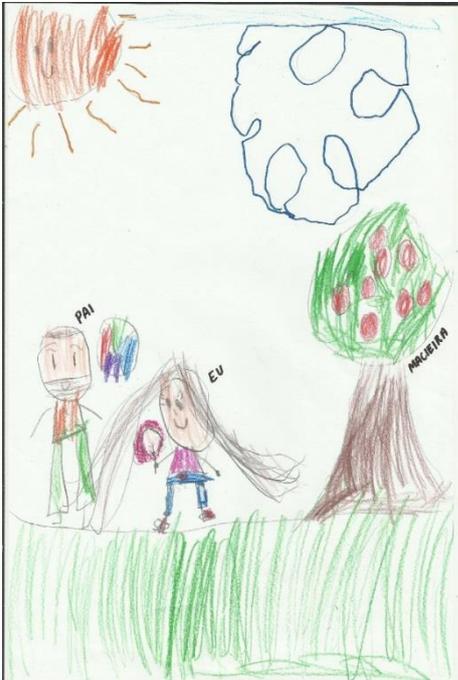
07



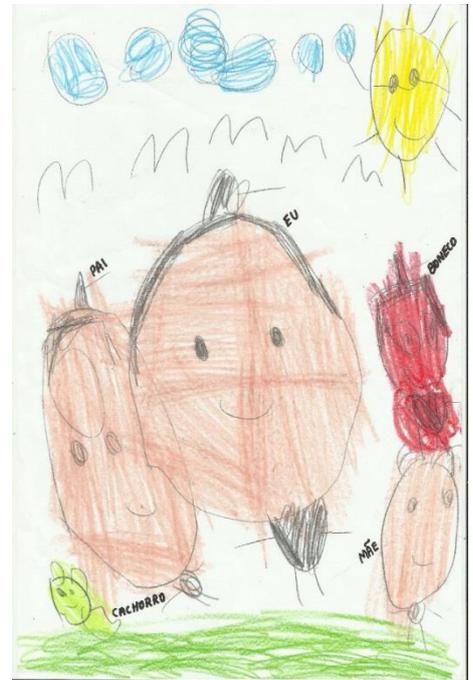
08



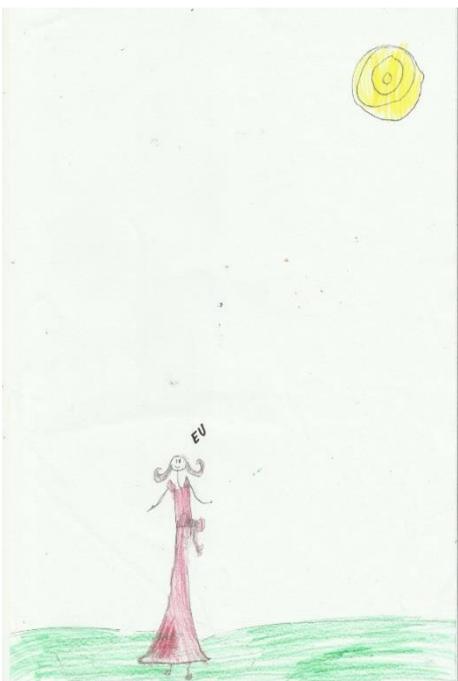
09



10



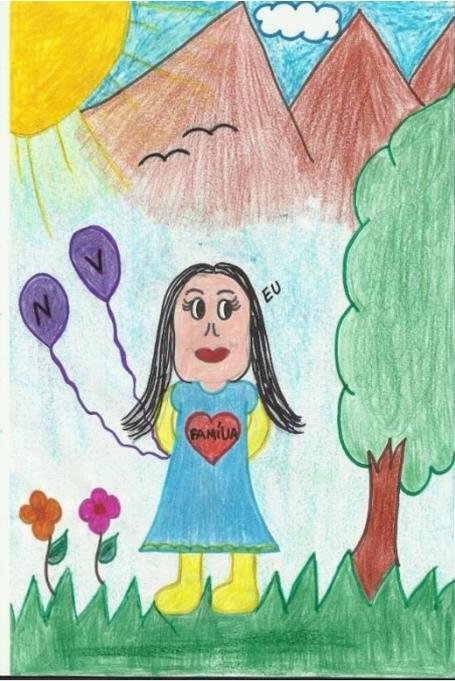
11



12



13

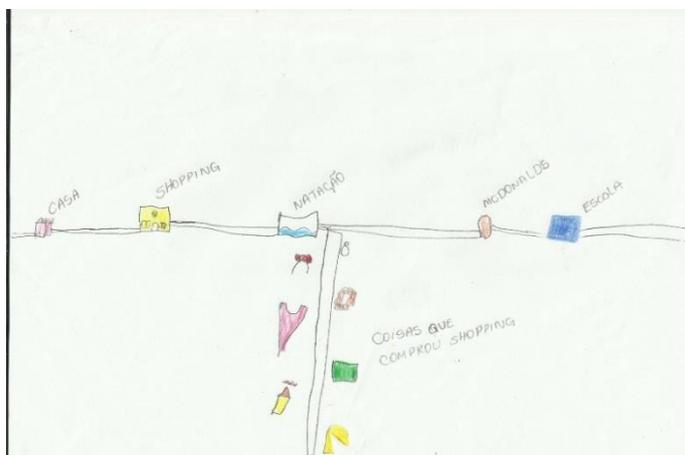


ANEXO C – Mapas do território

1



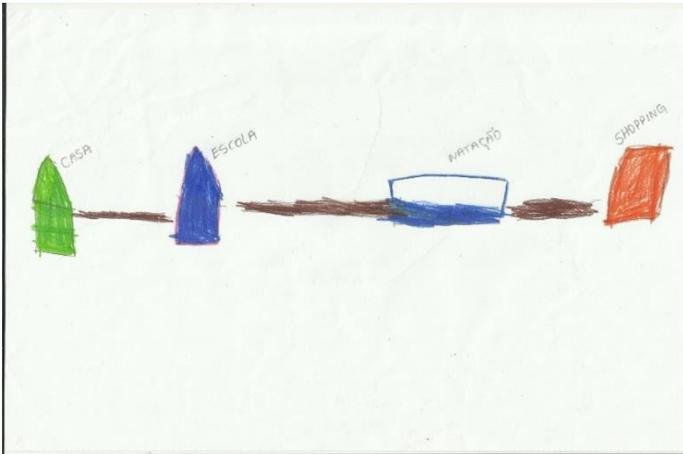
2



3



4



5



6



7



8



9



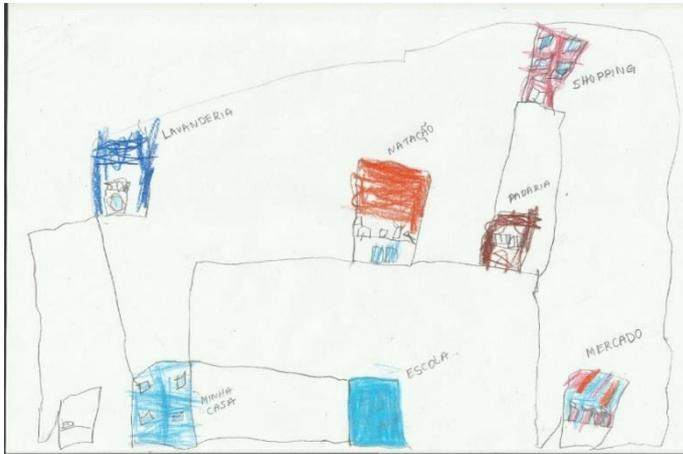
10



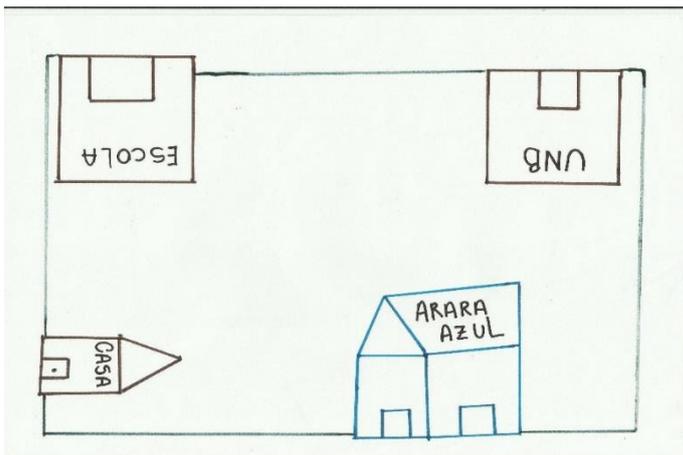
11



12



13



ANEXO D
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Título da pesquisa: Estudo exploratório da Matriz de Identidade de crianças da Educação Infantil.

Pesquisadora responsável: Fabiana Jovencio Zomer- FE/UnB

Orientador: professor Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha- FE/UnB

Garantia de acesso: em qualquer etapa do estudo você terá acesso a pesquisadora responsável pela pesquisa- fabianazomer@yahoo.com.br

Objetivo do estudo: Reconhecer aspectos da emergência do eu na Matriz de Identidade dos alunos a partir das narrativas, auto apresentação e percurso.

Prezada Diretora,

Solicito autorização para desenvolver a pesquisa descrita em anexo, para a qual será necessária a participação de um grupo de alunos. Esta participação consistirá na realização de memoriais através de histórias contadas pelos alunos e ilustrações das mesmas. Comprometo-me a dar-lhe todas as informações sobre a referida pesquisa antes, durante e após a coleta de dados da pesquisa.

Benefício da pesquisa: contribuir para o desenvolvimento do memorial educativo das crianças que frequentam a educação infantil. Não haverá ônus com a participação. A participação será totalmente espontânea e gratuita, não havendo nenhuma cobrança com o que será realizado. A instituição não receberá nenhum pagamento com a sua participação.

Sigilo: as informações fornecidas serão usadas somente para efeito de pesquisa, sem identificação dos interlocutores, isto é, os nomes da escola e dos alunos não serão mencionados em nenhum momento, mesmo quando os resultados forem divulgados em qualquer forma. A sua assinatura indica sua concordância em fornecer as informações solicitadas.

Nome completo Carimbo/Assinatura

ANEXO E
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Título da pesquisa: Estudo exploratório da Matriz de Identidade de crianças da Educação Infantil.

Pesquisadora responsável: Fabiana Jovencio Zomer- FE/UnB

Orientador: professor Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha- FE/UnB

Garantia de acesso: em qualquer etapa do estudo você terá acesso a pesquisadora responsável pela pesquisa- fabianazomer@yahoo.com.br

Objetivo do estudo: Reconhecer aspectos da emergência do eu na Matriz de Identidade dos alunos a partir das narrativas, auto apresentação e percurso.

Prezada coordenadora,

Solicito autorização para desenvolver a pesquisa descrita em anexo, para a qual será necessária a participação de seus filhos. Esta participação consistirá na realização de memoriais através de histórias contadas pelos alunos e ilustrações das mesmas, em dias a serem acordados, nas dependências da escola. Comprometo-me a dar-lhe todas as informações sobre a referida pesquisa antes, durante e após a coleta de dados da pesquisa.

Benefício da pesquisa: contribuir para o desenvolvimento do memorial educativo das crianças que frequentam a educação infantil. Não haverá ônus com a participação. A participação será totalmente espontânea e gratuita, não havendo nenhuma cobrança com o que será realizado. A instituição não receberá nenhum pagamento com a sua participação.

Sigilo: as informações fornecidas serão usadas somente para efeito de pesquisa, sem identificação dos interlocutores, isto é, os nomes da escola, dos professores e das crianças não serão mencionados em nenhum momento, mesmo quando os resultados forem divulgados em qualquer forma. A sua assinatura indica sua concordância em fornecer as informações solicitadas.

Nome completo Carimbo/Assinatura

ANEXO F
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Título da pesquisa: Estudo exploratório da Matriz de Identidade de crianças da Educação Infantil.

Pesquisadora responsável: Fabiana Jovencio Zomer- FE/UnB

Orientador: professor Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha- FE/UnB

Garantia de acesso: em qualquer etapa do estudo você terá acesso a pesquisadora responsável pela pesquisa- fabianazomer@yahoo.com.br

Objetivo do estudo: Reconhecer aspectos da emergência do eu na Matriz de Identidade dos alunos a partir das narrativas, auto apresentação e percurso.

Prezada professora,

Solicito autorização para desenvolver a pesquisa descrita em anexo, para a qual será necessária a participação de um grupo de alunos. Esta participação consistirá na realização de memoriais através de histórias contadas pelos alunos e ilustrações das mesmas. Comprometo-me a dar-lhe todas as informações sobre a referida pesquisa antes, durante e após a coleta de dados da pesquisa.

Benefício da pesquisa: contribuir para o desenvolvimento do memorial educativo das crianças que frequentam a educação infantil. Não haverá ônus com a participação. A participação será totalmente espontânea e gratuita, não havendo nenhuma cobrança com o que será realizado. A instituição não receberá nenhum pagamento com a sua participação.

Sigilo: as informações fornecidas serão usadas somente para efeito de pesquisa, sem identificação dos interlocutores, isto é, os nomes da escola, dos professores e dos alunos não serão mencionados em nenhum momento, mesmo quando os resultados forem divulgados em qualquer forma. A sua assinatura indica sua concordância em fornecer as informações solicitadas.

Nome completo Carimbo/Assinatura

ANEXO G
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Título da pesquisa: Estudo exploratório da Matriz de Identidade de crianças da Educação Infantil.

Pesquisadora responsável: Fabiana Jovencio Zomer- FE/UnB

Orientador: professor Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha- FE/UnB

Garantia de acesso: em qualquer etapa do estudo você terá acesso a pesquisadora responsável pela pesquisa- fabianazomer@yahoo.com.br

Objetivo do estudo: Reconhecer aspectos da emergência do eu na Matriz de Identidade dos alunos a partir das narrativas, auto apresentação e percurso.

Prezados pais,

Solicito autorização para desenvolver a pesquisa descrita em anexo, para a qual será necessária a participação de seus filhos. Esta participação consistirá na realização de memoriais através de histórias contadas pelos alunos e ilustrações das mesmas, em dias a serem acordados, nas dependências da escola. Comprometo-me a dar-lhe todas as informações sobre a referida pesquisa antes, durante e após a coleta de dados da pesquisa.

Benefício da pesquisa: contribuir para o desenvolvimento do memorial educativo das crianças que frequentam a educação infantil. Não haverá ônus com a participação. A participação será totalmente espontânea e gratuita, não havendo nenhuma cobrança com o que será realizado. A instituição não receberá nenhum pagamento com a sua participação.

Sigilo: as informações fornecidas serão usadas somente para efeito de pesquisa, sem identificação dos interlocutores, isto é, os nomes da escola, dos professores e das crianças não serão mencionados em nenhum momento, mesmo quando os resultados forem divulgados em qualquer forma. A sua assinatura indica sua concordância em fornecer as informações solicitadas.

Nome completo Carimbo/Assinatura